



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS LIBRAS

Maria Cristina de Almeida Brunkmann

TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE AUTORIA SURDA:
MAPEAMENTO NO CONTEXTO BRASILEIRO

Florianópolis
2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS LIBRAS

Maria Cristina de Almeida Brunkmann

**TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE AUTORIA SURDA:
MAPEAMENTO NO CONTEXTO BRASILEIRO**

Trabalho apresentado à Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a conclusão do curso de Graduação Bacharelado em Letras Libras.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Henrique Rodrigues

Coorientador: Prof. Me. João Gabriel Duarte Ferreira

Florianópolis
2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Brunkmann, Maria Cristina de Almeida
Tradução e interpretação de autoria surda: : mapeamento
no contexto brasileiro / Maria Cristina de Almeida
Brunkmann ; orientador, Carlos Henrique Rodrigues,
coorientador, João Gabriel Duarte Ferreira, 2020.
64 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Comunicação e Expressão, Graduação em Letras LIBRAS,
Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Letras LIBRAS. 2. Tradutor surdo. 3. Intérprete
surdo. 4. Guia-intérprete surdo. 5. Mapeamento. I.
Rodrigues, Carlos Henrique . II. Ferreira, João Gabriel
Duarte. III. Universidade Federal de Santa Catarina.
Graduação em Letras LIBRAS. IV. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autora: Maria Cristina de Almeida Brunkmann

Título: TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE AUTORIA SURDA: MAPEAMENTO NO CONTEXTO BRASILEIRO

Local: Florianópolis – UFSC

Data: 09 de dezembro de 2020

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi aprovado pelo professor orientador para apresentação pública. O relatório da pesquisa foi aprovado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras – Língua Brasileira de Sinais, no Centro de Comunicação e Expressão, da Universidade Federal de Santa Catarina pela seguinte comissão julgadora.

COMISSÃO JULGADORA:

Prof. Dr. Carlos Henrique Rodrigues

Orientador (UFSC)

Prof. Me. João Gabriel Duarte Ferreira

Coorientador (PGET-UFSC)

Prof^ª. Dr^ª. Kátia Lucy Pinheiro

Membro (Universidade Federal do Ceará - UFC)

Prof^ª. Dr^ª. Flaviane Reis

Membro (Universidade Federal de Uberlândia)

Prof^ª. Dr^ª. Janine Soares de Oliveira

Membro suplente (UFSC)

Este trabalho é dedicado à comunidade surda, que me ensinou muito no decorrer dos últimos anos, e em toda a minha jornada acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar a Deus, pois Ele me deu vida e um propósito para que eu possa viver da melhor maneira possível.

Em segundo lugar, agradeço à minha mãe, pois ela sempre me incentivou a estudar e acreditou no meu potencial, mesmo quando ninguém mais acreditava, ela me apoiou e fez de tudo para que eu pudesse ingressar na universidade.

Ao meu marido, Júlio, meu amigo e parceiro, que é quem me encoraja a continuar e a não desistir, que está sempre ao meu lado, disposto a me auxiliar no que for preciso.

Ao meu orientador, Carlos, por toda a caminhada como professor e amigo, por ter acreditado no meu potencial desde o início da minha jornada acadêmica, por todas as oportunidades de estudos, grupos de pesquisa, aprendizado da Língua de Sinais, por ter me apresentado a UFSC e por ter aceitado me orientar no TCC.

Agradeço ao João Gabriel que aceitou me coorientar no TCC e que foi uma inspiração para a escrita desse trabalho, já que para mim, ele é uma referência como tradutor e como intérprete surdo.

A todos os meus amigos, que sempre me apoiaram, em especial a Marília com quem compartilhei muitos momentos de alegria, mas também momentos de angústia durante o processo de escrita deste trabalho.

Aos meus colegas do GEES que foi o primeiro grupo de pesquisa do qual fiz parte, onde pude compartilhar de muitos momentos acadêmicos e não acadêmicos, muito importantes para a minha formação. Em especial, agradeço à Carla por ser sempre tão paciente e nos ensinar sempre com seu modo de vida; à Camila que sempre foi um exemplo de mulher persistente e excelente em tudo que faz e que mesmo com o passar dos anos tem sido uma amiga muito querida; à Luciana com quem compartilhei muitos momentos e que faz parte dessa minha caminhada; ao Davi, que sempre foi uma referência como profissional para mim, além de ser um amigo muito querido.

Não poderia deixar de agradecer aos meus amigos surdos, que sempre foram presentes em minha vida, me ajudando e me ensinando: Pedro, Rodrigo, Victoria e Nicolay, a vocês a minha gratidão!

Agradeço também a todos os professores do curso, em especial ao professor Tarcísio, à professora Neiva, à professora Silvana, ao professor Marcos e ao professor João Paulo, vocês marcaram a minha trajetória acadêmica com seus ensinamentos.

Sou grata por finalizar esse trabalho e encerrar essa etapa da minha vida.

A todos vocês e a todos aqueles a quem não mencionei, mas que estão em meu coração, o meu muito obrigada!

BRUNKMANN, Maria Cristina de Almeida. Tradução e Interpretação de autoria Surda: mapeamento no contexto brasileiro. Trabalho de conclusão de curso – TCC. 64 f. Letras Libras (bacharelado em tradução e interpretação). UFSC. Florianópolis – SC. 2020. Orientação: Prof. Dr. Carlos Henrique Rodrigues.

RESUMO

Neste trabalho de conclusão de curso, apresenta-se um mapeamento e registro inicial dos trabalhos de tradução e de interpretação de/ entre/ para línguas de sinais realizados por tradutores e/ou intérpretes surdos, no Brasil. Levando em conta que o campo dos Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais está em franca expansão, essa pesquisa busca conhecer como os surdos, tradutores e intérpretes, se inserem no mercado da tradução e da interpretação de/ entre/ para línguas de sinais, não apenas como público-alvo da tradução/ interpretação, mas como atores ativos no processo tradutório e interpretativo direcionados tanto para o público surdo sinalizante quanto ao público ouvinte falante de português e não sinalizante. Partindo da seguinte questão: “como tem se dado a inserção dos tradutores e intérpretes surdos que atuam de/ entre/ para línguas de sinais no mercado brasileiro da tradução e da interpretação intermodal (i.e., entre um língua vocal e outra de sinais) e intramodal gestual-visual (i.e., entre duas línguas de sinais)?”, adotamos uma abordagem qualitativa, a partir de uma pesquisa bibliográfica e de um questionário on-line aplicado aos tradutores/ intérpretes surdos brasileiros. Como ponto de partida para a coleta dos dados, assumimos a categorização apresentada por Rodrigues e Ferreira (2020), a qual considera a multiplicidade de atividades tradutórias e interpretativas existentes. Ao fazer esse primeiro levantamento, foi possível perceber que cada vez mais o trabalho do tradutor, do intérprete e do guia-intérprete surdo de línguas de sinais tem sido demandado e se mostrado como necessário em diversas áreas. Por fim, conclui-se que existem tradutores/ intérpretes surdos atuando em diversos âmbitos no Brasil, tanto em contextos de interpretação — desde a interpretação comunitária à interpretação de conferência — como com a tradução de variados gêneros textuais.

Palavras-chave: tradutor surdo; intérprete surdo; guia-intérprete surdo; intermodal; gestual-visual.

RESUMO EM LIBRAS



RESUMO:

Tradução e interpretação de autoria surda: mapeamento no contexto brasileiro.

Maria Cristina de Almeida
Orientador: Prof. Dr. Carlos Henrique
Rodrigues
Coorientador: Prof. Me. João Gabriel
Duarte Ferreira



Trabalho de Conclusão de Curso. Bacharelado em Letras Libras. 2020.

Disponível em: <https://youtu.be/lc-1k4-N2DE>

BRUNKMANN, Maria Cristina de Almeida. Tradução e Interpretação de autoria Surda: mapeamento no contexto brasileiro. Trabalho de conclusão de curso – TCC. 64 f. Letras Libras (bacharelado em tradução e interpretação). UFSC. Florianópolis – SC. 2020. Orientação: Prof. Dr. Carlos Henrique Rodrigues.

ABSTRACT

This final paper aims to map and record the work of translating and interpreting from/between/into sign language by deaf translators and interpreters in Brazil. Given the rise of the field of Sign Language Translation and Interpretation Studies, this research aims to understand how deaf people, translators and interpreters are inserted in the industry of translation and interpretation from/between/into sign language as active actors and not only as of the target audience of the translating and interpreting process aimed at both the deaf signaling public and the non-signaling-Portuguese-speaking public. Starting from the question: “how is the market insertion of deaf translators and interpreters who work in the translation and interpretation from/between/into sign language in the Brazilian industry of intermodal translation and interpretation (between a vocal and a sign language) and intramodal (between two sign languages)?”, we adopted a qualitative approach, based on a bibliographic revision and on the application of an online survey to deaf translators and interpreters. From the beginning, we accepted the concept presented by Rodrigues and Ferreira (2020), which considers the multitude of current translating and interpreting activities. With the survey, it was noticed that the work of the translator, interpreter and deaf sign language interpreter-guide has been increasingly demanded and considered necessary in several areas. Therefore, deaf translators and interpreters are working in different areas in Brazil, either in interpretation (community interpretation and conference interpretation) or in the translation of several textual genres.

Keywords: Deaf translator; Deaf interpreter; Deafblind interpreter; intermodal; gestural-visual.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– Etapas da pesquisa	29
-----------------	----------------------------	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	– Tradução de textos escritos em uma língua vocal para uma língua gestual oral em vídeo.....	36
Tabela 2	– Legendagem de vídeos que estão em uma língua gestual	37
Tabela 3	– Tradução de textos em língua vocal escrita para a escrita de uma língua gestual e vice-versa	38
Tabela 4	– Interpretação à prima vista de textos escritos em língua vocal para a língua gestual oral	38
Tabela 5	– Interpretação de língua vocal oral para a língua gestual oral e vice-versa.....	39
Tabela 6	– Interpretação de uma língua gestual estrangeira para a língua gestual nacional e vice-versa	39
Tabela 7	– Interpretação de/ para o Sistema de Sinais Internacionais.....	40
Tabela 8	– Guia-interpretação a partir de uma língua gestual (i.e., de caráter intralingual intramodal ou interlingual intramodal) ou de uma língua vocal (i.e., de caráter interlingual intermodal); entre outras.....	42

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	– Tradução de um texto escrito em uma língua vocal para uma língua gestual oral em vídeo.....	44
Gráfico 2	– Legendagem de um vídeo que estava em língua gestual?	45
Gráfico 3	– Tradução de um texto em língua vocal escrita para a escrita de uma língua gestual e vice-versa	45
Gráfico 4	– Interpretação à prima vista de textos escritos em língua vocal para a língua gestual oral	46
Gráfico 5	– Interpretação à prima vista de textos escritos em língua vocal para a língua gestual oral	46
Gráfico 6	– Interpretação de uma língua gestual estrangeira para a língua gestual nacional e vice-versa	47
Gráfico 7	– Interpretação de/ para o Sistema de Sinais Internacionais	47
Gráfico 8	– Interpretação intralingual da língua gestual nacional para variações regionais, sistemas caseiros de sinais, formas mais simplificadas, sistemas gestuais mais transparentes e vice-versa	48
Gráfico 9	– Guia-interpretação a partir de uma língua gestual (i.e., de caráter intralingual intramodal ou interlingual intramodal) ou de uma língua vocal (i.e., de caráter interlingual intermodal); entre outras	48
Gráfico 10	– Questões relacionadas à tradução.....	49
Gráfico 11	– Questões relacionadas à interpretação	50
Gráfico 12	– Questões relacionadas à guia-interpretação	51

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ASL – Língua de Sinais Americana
- EaD – Educação a Distância
- EI – Estudos da Interpretação
- ET – Estudos da Tradução
- ETILS – Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais
- FEBRAPILS – Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais
- INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos
- SW – *SignWriting*
- UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 A TRADUÇÃO E A INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUAS DE SINAIS: OS ETILIS	19
3 PROCESSOS TRADUTÓRIOS E INTERPRETATIVOS INTERMODAIS E INTRAMODAIS GESTUAIS-VISUAIS	23
4. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	26
4.1 As categorias para coleta e sistematização dos dados	30
4.2 O questionário para coleta e sistematização dos dados	33
5 APRESENTAÇÃO DOS DADOS COLETADOS	36
5.1 Os dados do levantamento inicial	36
5.2 Os dados dos questionários.....	43
6 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO	52
6.1 Análise e discussão dos dados do levantamento inicial	52
6.2 Análise e discussão dos dados do questionário	54
7 CONCLUSÕES	60
REFERÊNCIAS	62

1 INTRODUÇÃO

Durante a graduação no curso Letras Libras na Universidade Federal de Santa Catarina, tive contato com muitos professores surdos, em diversas disciplinas. No ano de 2018, houve uma disciplina em especial, que despertou meu interesse e curiosidade pelo tema deste trabalho. A disciplina “Prática de Interpretação”, na época ministrada pelo professor João Gabriel Duarte Ferreira, despertou o meu interesse pela temática, pois algumas escolhas tradutórias direcionadas por ele, durante as atividades desenvolvidas, pareciam muito mais adequadas e mais claras do que as escolhas tomadas por mim, como tradutora ouvinte de Libras-português.

Além disso, em um determinado trabalho, ele nos proporcionou a experiência de ter um consultor surdo, durante o processo de tradução. O consultor surdo designado para a minha equipe de tradução foi o professor Germano Dutra Júnior e, no decorrer do processo de tradução, em diversos momentos, pude perceber a importância da presença dele, pois, muitas vezes, meu discurso não estava tão claro em língua de sinais. Entretanto, o professor Germano apresentava escolhas e soluções que muito contribuíam com a adequação, a fluência, a coesão e a coerência do texto em Libras. Certamente, esse olhar surdo sobre a tradução corresponde ao que Stone (2020) chama de norma surda de tradução.

Neste trabalho, tem-se como um de seus objetivos um mapeamento e registro inicial dos trabalhos de tradução e de interpretação de/ entre/ para línguas de sinais realizados por tradutores/ intérpretes surdos, no Brasil. Não tenho a pretensão de registrar todos os trabalhos existentes, mesmo porque muitos dos trabalhos não possuem registro disponível e demandaria mais tempo e recursos de levantamento de dados e isso não seria possível nesse momento. De qualquer modo, ao fazer esse primeiro levantamento, é possível perceber que cada vez mais o trabalho do tradutor, do intérprete e do guia-intérprete surdo de línguas de sinais tem sido demandado e se mostrado como necessário em diversas áreas.

Levando em conta que a área dos Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais (ETILS) está em franca expansão, essa pesquisa busca conhecer como os surdos, tradutores e intérpretes, se inserem no mercado da tradução e interpretação de/ entre/ para línguas de sinais, não apenas como público-alvo da tradução/ interpretação, mas como atores ativos no processo de tradução e de interpretação tanto para o público surdo sinalizante quanto para o público ouvinte

falante de português e não sinalizante. Portanto, a questão de pesquisa foi: “como tem se dado a inserção dos tradutores e intérpretes surdos que atuam de/ entre/ para línguas de sinais no mercado brasileiro da tradução e da interpretação intermodal (i.e., entre um língua vocal e outra de sinais) e intramodal gestual-visual (i.e., entre duas línguas de sinais)?”

A pesquisa teve uma abordagem qualitativa e como ponto de partida para a coleta dos dados, assumimos a categorização apresentada por Rodrigues e Ferreira (2020), a qual considera a multiplicidade de atividades tradutórias e interpretativas existentes. Em um primeiro momento a coleta de dados foi bibliográfica, ou seja, de uma busca em trabalhos acadêmicos, como, por exemplo, em artigos, em trabalhos de conclusão de curso, em teses e em dissertações. Além disso, contamos com buscas em *sites* de eventos que envolvessem a tradução/ interpretação de Libras-Português e, também, *sites* voltados ao campo dos ETILS ou dos Estudos Linguísticos das Línguas de Sinais, como por exemplo, o caso do Portal Libras (<https://libras.ufsc.br/>).

Neste levantamento, buscou-se identificar trabalhos em que pelo menos um tradutor/ intérprete surdo estivesse presente, já que o nosso foco, são os trabalhos de autoria surda. Após essa primeira coleta, foi feita a aplicação de um questionário on-line, destinado apenas aos tradutores/ intérpretes surdos brasileiros. A aplicação desse questionário fez-se necessária pois tivemos dificuldade para encontrar alguns dados, já que nem todas as traduções/ interpretações de autoria surda estão disponíveis ao público.

Os dados coletados foram categorizados e analisados e, a partir da análise, concluiu-se que existem tradutores/ intérpretes surdos atuando em diversos âmbitos no Brasil, tanto em com diferentes gêneros textuais quanto em distintos contextos de interpretação, sendo esses gêneros e contextos os mais variados, desde acadêmicos a artísticos. No momento, não há um registro completo ou um mapeamento de todas essas traduções/ interpretações, mas, através dos dados coletados, percebemos que esses tradutores/ intérpretes estão inseridos no mercado de trabalho brasileiro, atuando em diversas esferas e contextos.

No primeiro capítulo, abordam-se a tradução e a interpretação de/ entre/ para línguas de sinais e o campo dos ETILS que tem crescido cada vez mais. No capítulo seguinte, discutem-se os processos tradutórios e interpretativos intermodais e intramodais gestuais-visuais, assim como a definição desses processos e suas características. Em seguida, tratam-se os aspectos metodológicos da pesquisa, as categorias empregadas para a coleta e sistematização dos dados, bem como o

questionário aplicado com a mesma finalidade. No capítulo seguinte, esses dados serão apresentados, analisados e discutidos. Por fim, apresentam-se as considerações.

2 A TRADUÇÃO E A INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUAS DE SINAIS: OS ETILIS

Desde muito tempo, os intérpretes e os tradutores atuam na sociedade. De acordo com Pagura (2003, p. 213) “a mais antiga referência a um intérprete parece ser um hieróglifo egípcio do terceiro milênio antes de Cristo”. Desde a antiga Grécia e no Império Romano, temos registros de intérpretes. E, posteriormente, essa atuação está documentada na Idade Média em encontros diplomáticos (PAGURA, 2003). Ainda de acordo com Pöchhacker (2004), a interpretação tem como uma de suas características o imediatismo, pois o ato de interpretar acontece “aqui e agora” em benefício das pessoas que necessitam desse serviço para cruzar as barreiras linguísticas e culturais.

Segundo Stone (2020), o trabalho desses profissionais é imprescindível na história da humanidade, pois é através do trabalho deles que muitas relações, sejam elas econômicas, sociais ou, até mesmo políticas, se desenvolvem, já que barreiras linguísticas e culturais são transpostas e novos caminhos são abertos para as relações sociais que vão se tornando cada vez mais internacionalizadas.

Mesmo sendo uma prática que existe desde o início das civilizações, nem sempre houve um estudo aprofundado sobre tal prática ou mesmo uma preocupação por sua profissionalização. Segundo Pagura, a função dos tradutores e intérpretes é super importante para o contato entre diferentes povos e sociedades, já que “pode-se dizer que o tradutor e o intérprete são profissionais que permitem que uma mensagem cruze a chamada ‘barreira linguística’ entre duas comunidades, sendo comum usar a metáfora ‘ponte’ para designar esses profissionais” (PAGURA, 2015, p. 184).

Os Estudos da Interpretação (EI) e os Estudos da Tradução (ET), duas importantes áreas de pesquisa da tradução e da interpretação, surgiram, oficialmente, na Europa, no início dos anos 1990. ET é um termo abrangente que abarca de modo coletivo todas as atividades de pesquisa voltadas à investigação da tradução (HOLMES, 2000 apud RODRIGUES, 2013). Holmes (1972) publicou um texto considerado fundacional do campo dos ET: *The Name and Nature of Translation Studies*. Para ele, os ET visam à descrição da atividade tradutória e de seu produto, isto é, da tradução, bem como ao estabelecimento de princípios gerais, teoria, capazes de explicar e prever fenômenos tradutórios (RODRIGUES, 2013). No campo dos ET, temos dois mapeamentos bem conhecidos dos autores Holmes (1972) e Williams e Chesterman (2002). Esses

mapeamentos são importantes, pois devida a abrangência do termo ET e da interdisciplinaridade e multiplicidade do campo, fez-se necessário organizar a abrangência do campo, caracterizar, e ramificar os ET em áreas de acordo com as diversas abordagens existentes (RODRIGUES e BEER 2015).

Em relação ao campo dos EI, defende-se que Daniel Gile teria sido o primeiro empregar o termo *interpretation studies* no ano de 1992, na Universidade de Viena, e, em 1993, o termo teria sido retomado por Salevsky em seu artigo *The Distinctive Nature of Interpreting Studies* (CAVALLO; REUILLARD, 2016). Para Pöchhacker (2009), os EI, portanto, surgiram concomitantemente aos ET, na segunda metade do século XX, como já mencionado acima. Todavia, seu reconhecimento e afirmação estão na década de 1990. Segundo Rodrigues; Beer (2015) “A afirmação dos EI como um campo disciplinar específico é marcada pela publicação do Reader de Estudos da Interpretação, a qual ocorreu dois anos após a publicação do Reader de Estudos da Tradução.” (RODRIGUES e BEER, 2015, p.21)

Desde então, o campo dos EI vem se apresentando com uma disciplina autônoma e independente, ainda que em estreita relação com os ET, já que ambos os campos disciplinares

emergem de certa maneira da Linguística Aplicada e ganham contornos específicos, inclusive, por meio de seu diálogo interdisciplinar com os mais variados campos do conhecimento, ainda que mantenham objetos de investigação específicos: “a tradução e o traduzir” em contraposição “à interpretação e o interpretar. (RODRIGUES e BEER, 2015 p. 22).

No que se refere à tradução e a interpretação de/ entre/ para línguas de sinais, Quadros (2004) afirma que no Brasil existem registros de intérpretes no âmbito religioso desde os anos 1980 e que um dos marcos da organização e profissionalização dos intérpretes/tradutores de línguas de sinais no Brasil teria sido o I Encontro Nacional de Intérpretes de Língua de Sinais, organizado pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis) e realizado em 1988. A autora ainda explica que o segundo encontro, também organizado pela Feneis, aconteceu em 1992. Nesse sentido, esses dois primeiros encontros foram de suma importância para promover o intercâmbio entre intérpretes de vários estados e para discutir tanto a prática quanto a necessidade de profissionalização. Vale mencionar que entre 1993 e 1994 foram realizados alguns encontros estaduais e, a partir dos anos 1990, foram estabelecidas unidades de intérpretes educacionais ligadas aos escritórios regionais da Feneis.

No Brasil, outro importante marco para a área da tradução e da interpretação de línguas de sinais é o reconhecimento da Libras como meio de expressão e comunicação das comunidades surdas. Nesse sentido, pode-se afirmar que, no dia 24 de abril de 2002, um grande passo foi dado, com a homologação da Lei 10.436/2002, que reconhece a Língua Brasileira de Sinais como língua. Com a lei em vigor, o reconhecimento profissional do intérprete/tradutor de Libras-português ganha uma visibilidade maior, visto que com a regulamentação dessa Lei, por meio do Decreto 5.626/2005, a prática da atividade tradutória e interpretativa no par linguístico Libras-português ganha respaldo legal, possibilitando os primeiros passos em direção ao reconhecimento da profissão e dos profissionais — o qual se concretizará com a Lei 12.319/2010 — e com isso, abrindo novas possibilidades de cursos de formação, por exemplo.

De acordo com Santos (2018), o campo dos ETILS tem se expandido e se mostrado como uma área fértil para pesquisas com diferentes análises e perspectivas. Com todas essas mudanças, muitas pesquisas têm sido feitas em todo o país o que favorece a institucionalização dos ETILS (SANTOS, 2018). Além disso, várias publicações recentes de autores renomados mencionam as línguas de sinais e fazem considerações e reflexões importantes (RODRIGUES e BEER, 2015).

Com isso podemos afirmar a ascensão e afirmação do campo de pesquisas envolvendo a tradução e a interpretação de/ entre/ para línguas de sinais. Assim, atualmente, muitos pesquisadores têm sido levados a desenvolverem pesquisas no campo dos ETILS com base nos conhecimentos já produzidos nos campos disciplinares dos ET e dos EI. Sendo assim, é possível observar a expansão desse novo campo, que envolve as línguas de sinais e suas especificidades. (RODRIGUES e BEER, 2015)

Santos (2018) cita a importância de uma menção da Libras em um documento de avaliação da área de Letras e Linguística que foi divulgado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Segundo a autora, essa menção da Libras, “constitui-se como um importante marco para as pesquisas sobre tradução e interpretação alinhadas aos Estudos da Tradução em nosso país [Brasil]” (SANTOS, 2018 p. 379). Vemos que inclusive as pesquisas sobre tradução/interpretação envolvendo línguas de sinais também ampliam a discussão realizada nos ET e nos EI, como exemplo temos os aspectos que envolvem as políticas de tradução (SANTOS, 2018). É importante mencionar que o campo dos ETILS mantém uma dependência e

filiação estrita com os campos dos ET e dos EI, apesar de suas singularidades (RODRIGUES, BEER, 2015).

É importante ressaltar, que o campo dos ETILS possui uma singularidade, a saber o fato de as línguas de sinais serem de modalidade gestual-visual e, portanto, de os processos tradutórios e interpretativos envolvendo línguas de sinais sofrerem com os efeitos da modalidade de língua. Assim, tanto os processos intermodais — aqueles que envolvem uma língua vocal e uma língua gestual — quanto os intramodais gestuais-visuais — aqueles que ocorrem entre duas línguas de sinais — são impactados de modalidade de língua.

3 PROCESSOS TRADUTÓRIOS E INTERPRETATIVOS INTERMODAIS E INTRAMODAIS GESTUAIS-VISUAIS

Temos que as línguas vocais e as línguas de sinais são de modalidades diferentes, como já mencionamos acima. Portanto, é importante dizer que a modalidade de uma língua diz respeito a sua produção e recepção. Línguas vocais são articuladas vocalmente e recebidas auditivamente e línguas gestuais, ou de sinais, são articuladas gestualmente e recebidas visualmente. Dessa maneira, é possível afirmar que temos duas modalidades distintas de manifestação da linguagem humana, sendo elas: a modalidade vocal-auditiva e a modalidade gestual-visual.

Como explica Rodrigues (2018), a produção e articulação das línguas vocais se dá através do aparelho fonador, enquanto a produção das línguas de sinais se dá através do movimento do corpo no espaço. E, “nesse sentido, temos a combinação de diversos movimentos corporais, os quais envolvem: (i) expressões faciais, marcadas por ações dos olhos, sobrancelhas e boca (iii) movimento de braços, com destaque para as formas e movimentos das mãos, pulsos e dedos; e (iii) movimento de tronco e cabeça, dentre outros” (RODRIGUES, 2018, p. 114).

Tendo em vista a diferença de modalidade entre as línguas vocais e gestuais, é preciso pensar na tradução e na interpretação que as envolve em relação aos efeitos que essa diferença de modalidades causa. Conforme Rodrigues (2018), os efeitos de modalidade na tradução e na interpretação é uma temática recente que tem sido alvo de pesquisa pelos teóricos da área dos ETILS, pois a modalidade de língua, assim como a diferença da modalidade das línguas, impacta os processos tradutórios e interpretativos.

Analisando a questão da modalidade de língua, conseguimos delinear pelo menos dois tipos de processos: os *intramodais* e os *intermodais*. Os processos intramodais ocorrem entre duas línguas da mesma modalidade, podendo ser elas duas línguas vocais (i.e., de modalidade vocal-auditiva) ou duas línguas de sinais (i.e., de modalidade gestual-visual), enquanto os processos intermodais ocorrem entre duas línguas de modalidade diferente, ou seja, uma língua vocal (i.e., de modalidade vocal-auditiva) e uma língua de sinais (i.e., de modalidade gestual-visual).

Sendo assim, a tradução ou a interpretação intramodal se dá entre duas línguas da mesma modalidade e, conseqüentemente, temos processos intramodais vocais-auditivos (i.e., entre duas línguas vocais) e processos intramodais gestuais-visuais (i.e., entre duas línguas de sinais). Em

relação à interpretação intramodal gestual-visual, é possível observá-la em congressos em que há participantes surdos de nacionalidades diferentes, onde ocorre, por exemplo, uma interpretação de Libras para ASL e vice-versa, ou mesmo a interpretação de uma determinada língua de sinais para o Sistema de Sinais Internacionais¹. Esse tipo de interpretação está presente também em casos em que um surdo faz uma interpretação dentro da própria língua para outro surdo que pode ter dificuldade, por exemplo, de compreender uma fala mais erudita ou, até mesmo, mais complexa, como em casos jurídicos ou médicos. Esse tipo de interpretação seria um processo intralingual intramodal gestual-visual.

A tradução ou a interpretação intermodal se dá entre duas línguas de modalidades diferentes, como podemos observar, por exemplo, nos congressos em que a língua vocal é interpretada para a língua de sinais ou vice-versa. Em caso de textos escritos como, por exemplo, uma prova de vestibular, encontramos também um tipo de tradução intermodal, já que a prova se encontra em português escrito e a tradução se dá através de um vídeo em Libras. Em caso de textos em língua de sinais, em que há tradução para o português escrito, encontramos também um caso de tradução intermodal. É importante dizer que nesses dois casos teremos a intermodalidade de língua (i.e., da vocal para a gestual, vice versa) e a intermodalidade de uso da língua (i.e., da escrita para a oralidade).

É importante ressaltar que esses processos tradutórios e interpretativos envolvendo línguas de sinais são diferentes dos processos que envolvem apenas línguas vocais, conforme afirma Rodrigues (2018, p. 118, grifos do autor), “essa diferenciação pode ser analisada a partir da perspectiva dos efeitos de modalidade da língua sobre a tradução e sobre a interpretação. Além disso, o *processo interpretativo intermodal*, por diversas razões, é bem mais comum e, conseqüentemente, mais investigado que o *processo tradutório intermodal*”.

Sendo assim, torna-se necessário o investigar de uma maneira diferente esses processos, pensando nos efeitos que essas modalidades podem trazer tanto para a tradução quanto para a interpretação. É importante mencionar que, conforme Rodrigues e Santos (2018), a atividade de tradução e a de interpretação possuem diferenças significativas, embora popularmente o termo “tradução” seja empregado para ambas as atividades, sabe-se que os conhecimentos e as

¹ Sinais internacionais não é reconhecido como uma língua oficial, pois não há uma comunidade de origem definida, porém é utilizado como uma espécie de língua franca em encontros internacionais de surdos.

habilidades que são requeridos para cada uma dessas funções são distintos, assim como o modo por meio do qual elas se realizam. Pode-se afirmar, inicialmente, que “a tradução se vincula basicamente à manipulação de ‘textos escritos’ (i.e. acabados e registrados em um dado suporte) e a interpretação à manipulação de ‘textos orais’ (i.e. em processo de produção e, por sua vez, não registrados)” (RODRIGUES e SANTOS, 2018, p. 2).

A tradução tem como matéria-prima o texto pronto, em dado suporte, possibilitando ao profissional a liberdade, por exemplo, de escolha do local/ ambiente em que ele vai trabalhar, podendo escolher, entre outros, trabalhar em casa ou em um escritório (CAVALLO e REUILLARD, 2016) e/ ou o ritmo em que ele vai executar a tarefa. Além disso, o produto da tradução é registrado com o objetivo de durar, tornando-se assim necessário e duradouro. Já no caso da interpretação, a matéria prima, diferentemente da tradução, é o discurso em curso, o que, na maioria das vezes, faz com que o profissional tenha contato direto com o público, e que o ato de interpretar aconteça em vários ambientes: eventos científicos e acadêmicos, hospitais, encontros políticos, reuniões, tribunais (CAVALLO e REUILLARD, 2016) e em espaços que vão desde contextos intrassociais a contextos internacionais (POCHHACKER, 2004 *apud* RODRIGUES e SANTOS, 2018).

Na interpretação, é imprescindível que o intérprete se adapte ao ritmo do interlocutor, mantendo assim uma dependência contextual mais direta do que na tradução. Além disso, o produto da interpretação desaparece, já que não há registro automático deste trabalho, salvo em casos, em que se decide que essa interpretação será filmada, mas isso não faz parte do processo interpretativo em si (RODRIGUES e SANTOS, 2018). Outro fator importante a ser pontuado são as condições de trabalho, conforme mencionadas acima, que trazem prazos distintos assim como níveis de estresse e pressão distintos, o que caracteriza uma carga cognitiva diferente para esses dois tipos de atividade (CAVALLO e REUILLARD, 2016).

4 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Conforme falamos acima, o campo dos ETILS está em franca expansão e com isso novas possibilidades e perguntas tem surgido. É possível observar, hoje, que o campo de discussão relacionado à inclusão e à importância do tradutor/ intérprete surdo em equipes de tradução, ou até mesmo a delegação de encargos de tradução/ interpretação às equipes formadas apenas de tradutores/ intérpretes surdos, constitui-se como uma nova área de pesquisa. Sendo assim, necessita ser mais explorada.

Considerando isso, buscamos realizar uma primeira aproximação e registro das diferentes atividades de tradução e de interpretação desempenhadas por tradutores/intérpretes surdos, por meio de uma abordagem qualitativa. Para tanto, passamos a definir que os encargos tradutórios e interpretativos assumidos pelos profissionais surdos se constituiriam como *tradução, interpretação e/ ou guia-interpretação de autoria surda*. Como ponto de partida para a coleta dos dados, assumimos a categorização apresentada por Rodrigues e Ferreira (2020), a qual considera a multiplicidade de atividades tradutórias e interpretativas existentes.

Nesse sentido, nossos dados serão organizados por meio das seguintes categorias de tradução e interpretação, nesse caso, de autoria surda:

- (i) tradução de textos escritos em uma língua vocal para uma língua gestual oral em vídeo;
- (ii) legendagem de vídeos que estão em uma língua gestual;
- (iii) tradução de textos em língua vocal escrita para a escrita de uma língua gestual e vice-versa;
- (iv) interpretação à prima vista de textos escritos em língua vocal para a língua gestual oral;
- (v) interpretação de língua vocal oral para a língua gestual oral e vice-versa;
- (vi) interpretação de uma língua gestual estrangeira para a língua gestual nacional e vice-versa;
- (vii) interpretação de/para o Sistema de Sinais Internacionais;
- (viii) interpretação intralingual da língua gestual nacional para variações regionais, sistemas caseiros de sinais, formas mais simplificadas, sistemas gestuais mais transparentes e vice-versa; e

- (ix) guia-interpretação a partir de uma língua gestual (i.e., de caráter intralingual intramodal ou interlingual intramodal) ou de uma língua vocal (i.e., de caráter interlingual intermodal) [...]. (RODRIGUES e FERREIRA, 2020, p. 11).

Como base nessas categorias, prosseguimos para o levantamento das traduções e/ou interpretações realizadas por surdos, ou mesmo aquelas traduções/ interpretações em que havia pelo menos um surdo na equipe atuando como tradutor/ intérprete (i.e., não consideramos a atuação de surdos como consultores) e que de alguma maneira possuem algum tipo de registro formal ou mesmo informal. É importante ressaltar que esta pesquisa não tem a intenção de registrar todos os trabalhos de tradução/ interpretação de autoria surda existentes no Brasil, mas, sim, de fazer um levantamento inicial, visto que, atualmente, não é possível encontrar um banco de dados onde esses trabalhos de autoria surda estejam elencados.

Devido a isso, esse levantamento se deu, primeiramente, através de uma pesquisa bibliográfica, ou seja, de uma busca em trabalhos acadêmicos, como, por exemplo, em artigos, em trabalhos de conclusão de curso, em teses e em dissertações. Além disso, contamos com buscas em *sites* de eventos que envolvessem a tradução/ interpretação de Libras-Português e, também, *sites* voltados ao campo dos ETILS ou dos Estudos Linguísticos das Línguas de Sinais, como é o caso do Portal Libras (<https://libras.ufsc.br/>).

Após fazer essa busca inicial por essas traduções e/ou interpretações de autoria surda, foi necessário averiguar se de fato foram realizadas por surdos, para, então, classificá-las em uma das categorias pré-definidas, apresentadas acima. Em alguns casos, não foi possível identificar de imediato o tradutor/ intérprete surdo e, em outros, não foi possível confirmar se o trabalho havia sido de fato desenvolvido por um surdo. Sendo assim, foi necessário criar outras estratégias de pesquisa para confirmar se o tradutor/ intérprete era surdo. Para isso, contamos com busca na *internet*, consulta às redes sociais e, inclusive, contato direto com algumas pessoas da comunidade surda, que, porventura, poderiam conhecer esses tradutores/intérpretes e confirmar se eram ou não surdos.

Vale mencionar que alguns trabalhos foram localizados de forma mais fácil, pois estão disponíveis ao público, porém, em alguns casos, não se tem nenhum registro em vídeo ou um relato por escrito do trabalho de tradução e/ou interpretação de autoria surda desenvolvido, por isso, em

um segundo momento, foi aplicado um questionário direcionado especificamente aos tradutores e intérpretes surdos brasileiros, o qual iremos apresentar posteriormente.

Com esse levantamento inicial, foi feita uma breve análise para verificar, em qual das categorias, citados acima, a tradução/ interpretação localizadas se encaixa. É interessante notar que, alguns profissionais da tradução e da interpretação, assim como alguns pesquisadores, têm indicado que a presença do tradutor/ intérprete surdo seria indispensável à qualidade de certas traduções/interpretações, principalmente aquelas da língua vocal para a de sinais (STONE, 2020).

Para Stone (2020), existem certos trabalhos tradutórios que devem ser desempenhados por surdos, o que se justifica por diferentes motivos, entre os quais se pode citar: (i) a linguagem prosódica do surdo nativo que ficaria melhor no vídeo, por exemplo; (ii) o fato de que eles acessam, como consumidores, materiais, tais como *websites* em língua de sinais, tendo conhecimento de como seria melhor veicular a sinalização; e (iii) o fato de que assistem aos programas com intérprete e, por isso, estão mais acostumados a assimilar essas informações, de uma forma mais natural, diferente dos ouvintes.

Os intérpretes ouvintes, geralmente, não tem o mesmo desempenho em língua de sinais que os tradutores/ intérpretes surdos ou tem mais dificuldade em alcançá-lo, ou seja, eles não tem a mesma percepção visual que os surdos, nem a mesma vivência com a língua de sinais e a comunidade surda. Nesse sentido, levando-se em conta o fato de que o público-alvo da interpretação e da tradução, na maioria dos casos, são as comunidades surdas, é importante considerar a possibilidade de que uma sinalização feita por um surdo possa ser mais adequada às necessidades linguísticas e comunicativas do público surdo (STONE, 2020).

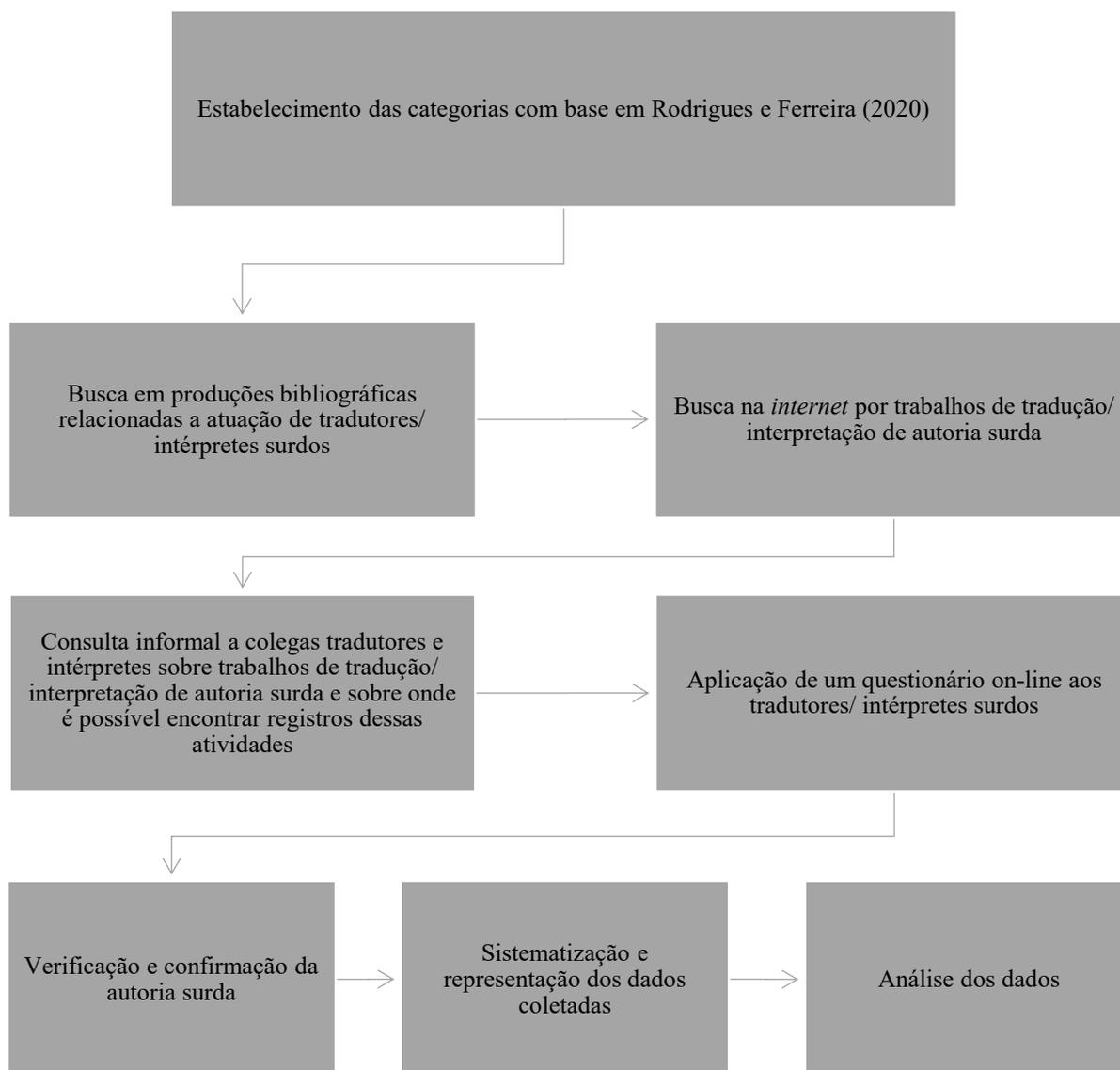
Consideramos que, ao elencar essas atividades tradutórias e interpretativas de autoria surda, conforme as categorias baseadas em Rodrigues e Ferreira (2020), será possível inferir em qual ou em quais delas a presença do tradutor/ intérprete surdo é mais comum e, até mesmo, qual ou quais delas tornariam a atuação do interprete/ tradutor surdo indispensável.

Para que fosse possível realizar esse levantamento, desempenhamos as seguintes etapas de pesquisa: (1) estabelecimento das categorias com base em Rodrigues e Ferreira (2020); (2) busca em produções bibliográficas relacionadas a atuação de tradutores/ intérpretes surdos; (3) busca na *internet* por trabalhos de tradução/interpretação de autoria surda; (4) consulta informal a colegas tradutores e intérpretes sobre trabalhos de tradução/ interpretação de autoria surda e sobre onde é

possível encontrar registros dessas atividades; (5) aplicação de um questionário on-line aos tradutores/intérpretes surdos; (6) verificação e confirmação da autoria surda; (6) sistematização e representação dos dados coletadas; (7) análise dos dados.

Essas etapas estão representadas no fluxograma abaixo, para uma melhor visualização:

Figura 1 – Etapas da pesquisa



Fonte: a autora, com base nas etapas da pesquisa

4.1 As categorias para coleta e sistematização dos dados

(i) tradução de textos escritos em uma língua vocal para uma língua gestual oral em vídeo.

Esse tipo de atividade corresponde, segundo Rodrigues e Ferreira (2020), a *tradução intermodal não escrita*. Nesse tipo de tradução, o texto-fonte está em uma língua vocal escrita e o texto-alvo estará em uma língua gestual registrada em vídeo (i.e., não na forma de escrita de sinais). No Brasil, vemos esse tipo de trabalho realizado por tradutores surdos. Podemos citar como um dos principais exemplos, as traduções realizadas pela equipe de tradução do curso de Letras Libras EaD da UFSC. É interessante notar que essa atividade é comumente compartilhada por tradutores surdos e ouvintes atuando em conjunto.

(ii) legendagem de vídeos que estão em uma língua gestual.

Esse tipo de atividade corresponde, segundo Rodrigues e Ferreira (2020), a uma *tradução intermodal escrita*. Como vimos, anteriormente, esse tipo de tradução se enquadra como intermodal pois um dos textos está em uma língua gestual e o outro em uma língua vocal. Embora seja bem mais comum que ela seja realizada por tradutores ouvintes, atualmente, os surdos têm produzido diversos materiais sinalizados em vídeo, os quais têm sido muito divulgados nas redes sociais. Com isso, existem muitos vídeos em Libras que estão sendo legendados em português escrito, sendo que em alguns casos, a legenda é feita pelo próprio surdo que já trabalha profissionalmente como tradutor. Essa é uma situação específica de *legendagem surda* e, muitas vezes, portanto, de tradução inversa (i.e., o tradutor surdo está legendando em sua segunda língua).

(iii) tradução de textos em língua vocal escrita para a escrita de uma língua gestual e vice-versa.

Esse tipo de atividade, segundo Rodrigues e Ferreira (2020), corresponde a uma *tradução intermodal escrita*. Embora as línguas em questão sejam de modalidades diferentes, a tradução é feita da modalidade escrita para a modalidade escrita. No Brasil, temos alguns sistemas de escrita de sinais, sendo que uma das mais comuns e amplamente divulgada é o *SignWriting* (SW).

Considerando-se essa possibilidade de línguas de sinais veiculadas na modalidade escrita é, portanto, possível falar de tradução para a escrita de uma língua de sinais, uma forma de tradução propriamente dita, no sentido mais estrito de tradução (i.e., de texto escrito para texto escrito). Esse tipo de tradução está presente principalmente no *site* do curso de Letras-Libras da UFSC e em alguns resumos de trabalhos acadêmicos. É um tipo de trabalho que requer domínio e experiência com a escrita de sinais e que tem sido realizado, principalmente, por surdos que se dedicam aos sistemas de escritas de línguas de sinais de forma mais aprofundada.

(iv) interpretação à prima vista de textos escritos em língua vocal para a língua gestual oral.

Esse tipo de atividade, segundo Rodrigues e Ferreira (2020), corresponde a *interpretação/tradução à prima vista intermodal*. Geralmente, ela acontece quando em uma palestra ou conferência o apresentador usa algum *slide* com texto em português e, nesse momento, o intérprete precisa fazer a interpretação diretamente do texto escrito. Em situações de aula e ou de reuniões onde está se partindo de textos escritos é comum que os intérpretes leiam o texto ao mesmo tempo em que o oferecem em língua de sinais.

(v) interpretação de língua vocal oral para a língua gestual oral e vice-versa;

Esse tipo de atividade, segundo Rodrigues e Ferreira (2020), corresponde a *uma interpretação intermodal*, podendo se dar como vocalização (i.e., de uma língua de sinais para uma língua vocal) ou sinalização (i.e., de uma língua vocal para uma língua de sinais). A interpretação intermodal é uma das formas mais comuns de interpretação que ocorre tanto em conferências e eventos como em situações do dia a dia, como, por exemplo, em uma consulta médica, ou, até mesmo, em uma aula. Atualmente, no Brasil, no contexto de pandemia, temos visto muitas *lives* e eventos on-line com interpretação para línguas de sinais ou da língua de sinais para o português falado. Temos visto intérpretes surdos nessas equipes de interpretação. É muito interessante observar o trabalho da pessoa surda e a importância desse intérprete na equipe, pois conforme Stone (2020), ele tem uma visão diferente do intérprete ouvinte, o que auxilia no momento da interpretação.

(vi) interpretação de uma língua gestual estrangeira para a língua gestual nacional e vice-versa.

Esse tipo de atividade, segundo Rodrigues e Ferreira (2020), constitui-se como uma *interpretação intramodal gestual-visual*, ou seja, aquela interpretação que se dá entre diferentes línguas de sinais. Este tipo de interpretação é, geralmente, executado por intérpretes surdos, como podemos observar nos Congressos do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) e nas diferentes edições do Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa e do Congresso Nacional de Pesquisas em Linguística e Libras, promovidos pela UFSC. Cada vez mais, encontramos surdos tradutores e intérpretes que dominam mais de uma língua de sinais. E é mais comum vermos surdos fluentes em mais de uma língua de sinais que ouvintes.

(vii) interpretação de/ para o Sistema de Sinais Internacionais.

Esse tipo de atividade, segundo Rodrigues e Ferreira (2020), constitui-se como uma *interpretação intramodal gestual-visual*. Assim como o exemplo anterior, esse tipo de atividade é, geralmente, executada por intérpretes surdos. Nos congressos mencionados acima — realizados pelo INES e pela UFSC —, vemos frequentemente esse tipo de interpretação acontecendo. O sistema de sinais internacionais tem sido muito difundido mundialmente entre as comunidades surdas e tem sido empregado comumente nos eventos internacionais multilíngues como uma forma de contato entre sinalizantes de diferentes línguas de sinais.

(viii) interpretação intralingual da língua gestual nacional para variações regionais, sistemas caseiros de sinais, formas mais simplificadas, sistemas gestuais mais transparentes e vice-versa.

Esse é um exemplo de uma *interpretação intramodal* que, segundo Rodrigues e Ferreira (2020), pode ser definida como uma forma de tradução intralingual que geralmente é realizada por surdos e que inclusive deve ser, preferencialmente, executada por um intérprete surdo, já que, muitas vezes, existe uma identificação entre os sujeitos e uma norma surda de tradução (STONE, 2020). Como é uma atividade essencialmente de caráter comunitário intrassocial, ela não é comumente registrada ou valorizada como tradução, ou seja, é bem comum que ela seja realizada por não profissionais buscando promover a mediação intercultural.

(ix) *guia-interpretação a partir de uma língua gestual (i.e., de caráter intralingual intramodal ou interlingual intramodal) ou de uma língua vocal (i.e., de caráter interlingual intermodal); entre outras.*

Esse tipo de atividade, segundo Rodrigues e Ferreira (2020), tem sido bem difundido atualmente. A *guia-interpretação* pode se dar tanto de modo intramodal ou intermodal quanto de modo interlingual ou intralingual. Nesse sentido, quando a guia-interpretação parte de uma língua de sinais ela se apresenta como *intralingual intramodal* (i.e., quando a mesma língua de sinais está envolvida) ou como *interlingual intramodal* (i.e., quando diferentes línguas de sinais estão envolvidas). Por outro lado, quando se parte de uma língua vocal essa guia-interpretação se apresenta como *interlingual intermodal* (i.e., quando está envolvida uma língua vocal e outra de sinais). A guia-interpretação tem sido comum em eventos da área da educação inclusiva e da língua de sinais. Além disso, na educação, como é o caso do curso de Letras-Libras da UFSC, podemos observar os alunos surdocegos com serviços de guia-interpretação durante o curso de graduação. No curso de Letras Libras, pude observar surdos realizando a guia-interpretação.

4.2 O questionário para coleta e sistematização dos dados

Conforme citado, anteriormente, foi necessária a aplicação de um questionário exclusivo aos tradutores e aos intérpretes surdos brasileiros. Essa necessidade surgiu diante do fato de alguns dados não terem ficado evidentes no primeiro levantamento — que será apresentado na seção seguinte. Com o questionário foi possível fazer a análise de alguns aspectos relevantes, como, por exemplo, a frequência com que cada tradutor/ intérprete surdo atua em cada categoria utilizada.

Além disso, destacamos que o questionário se mostra como uma produtiva ferramenta de coleta de dados, inclusive no campo dos ETILS. Segundo Alves (2001, p. 79),

[...] os procedimentos relativos ao uso de questionários estruturados são simples e de aplicação direta. Submete-se ao informante um questionário previamente elaborado, estipulando, ou não, um tempo determinado para a execução da tarefa. Os questionários são estruturados de tal forma que garantam ao pesquisador um determinado controle sobre as respostas procuradas. [...] Estas decisões são

importantes quando da elaboração dos questionários estruturados pois terão repercussões diretas sobre a qualidade dos dados coletados e, posteriormente, sobre sua análise.

O questionário on-line foi aplicado através do Google Formulários que é uma ferramenta disponível gratuitamente na *internet*. Com ele, é possível escolher várias opções de perguntas, desde as mais simples com opção de múltipla escolha até as mais complexas que envolvem listas suspensas e escalas lineares. É possível também disponibilizar um *link* para que ele possa ser acessado e respondido. Por fim, as respostas são coletadas automaticamente e sistematizadas, inclusive por meio de gráficos que vão sendo atualizados à medida em que novas respostas chegam.

As perguntas foram desenvolvidas com base nas categorias escolhidas, já citadas acima, e foram divididas em quatro seções sendo elas: (1) seção de triagem dos respondentes; (2) seção de perguntas referentes às atividades de tradução e/ou interpretação desenvolvidas pelos surdos (Seção 01); (3) seção de classificação da frequência de realização de cada atividade (Seção 02); e (4) seção de finalização do questionário. O questionário está disponível em: <https://forms.gle/bs9QnaFYtPE8xMYq6>.

A seção de triagem, tem o objetivo de identificar se o tradutor/intérprete que estava respondendo, era surdo. Caso a resposta fosse positiva, o sujeito era direcionado para as demais seções, mas, caso fosse negativa, o sujeito recebia uma mensagem de agradecimento e não era direcionado para as demais perguntas, já que o foco da pesquisa é apenas os tradutores/intérpretes surdos. Na primeira seção, são apresentados os exemplos de cada categoria em formas de perguntas com a opção de escolha sim ou não, com o objetivo de identificar em qual ou em quais atividades esses tradutores/ intérpretes já haviam atuado. A segunda seção verifica a frequência com que cada tradutor/ intérprete havia atuado em cada atividade. E, por fim, a seção de finalização oferecia a possibilidade de ser fazer comentários sobre o questionário e sobre a pesquisa.

A divulgação do questionário foi feita, inicialmente, em um grupo de *WhatsApp* de tradutores e intérpretes surdos brasileiros, com a ajuda de um participante do grupo. Foram coletadas 35 respostas, entre o dia 06 e 09 de outubro de 2020. Após a coleta, foi necessário fazer uma checagem das respostas. Nesse momento, verifiquei que havia algumas respostas duplicadas, pois, alguns participantes haviam respondido duas vezes ao questionário. Portanto, após realizar o

download do arquivo em formato Excel com as 35 respostas e salvar como *backup*, dupliquei a planilha e eliminei as respostas duplicadas. Antes de excluir, verifiquei que todas as respostas duplicadas, eram idênticas.

Após a checagem e exclusão das respostas, ficamos com o total de 29 respondentes, sendo assim, as respostas analisadas e as porcentagens definidas a seguir dizem respeito aos dados decorrentes da participação de 29 tradutores/ intérpretes surdos. Ressalto que nessa pesquisa, não foi necessário identificar nome, gênero, idade ou estado em que o respondente reside, já que esse não é o foco da pesquisa, mas, apenas as atuações tradutórias e interpretativas, a partir das categorias de atividades apresentadas por Rodrigues e Ferreira (2020).

5 APRESENTAÇÃO DOS DADOS COLETADOS

Nesta seção, apresentaremos os dados coletados. Primeiramente, serão elencados os dados referentes ao levantamento inicial, a partir da bibliografia da área e demais informações conseguidas na internet e, em seguida, os dados decorrentes do questionário aplicado. Para a apresentação dos dados do levantamento inicial, optamos por apresentá-los em tabelas e para os dados dos questionários temos, basicamente, os gráficos.

5.1 Os dados do levantamento inicial

Os dados coletados nessa fase, foram devidamente organizados em tabelas, sendo que cada tabela possui na primeira coluna o encargo, na segunda coluna a quantidade total de tradutores surdos e ouvintes que realizaram a tarefa, na terceira coluna a quantidade total de tradutores surdos, e na quarta e última coluna a quantidade total de tradutores ouvintes. Em algumas atividades não foi possível identificar a quantidade total de tradutores, ou em alguns casos, a quantidade total de tradutores ouvintes. Esses casos foram apontados na tabela, nas colunas correspondentes.

Tabela 1 – Tradução de textos escritos em uma língua vocal para uma língua gestual oral em vídeo

Encargo	Tradutores	Tradutores Surdos	Tradutores Ouvintes
Tradução da prova do vestibular Letras-Libras (2012)	03 (três)	01 (um)	02 (dois)
Tradução do material pedagógico, editais, regimento do curso e informações complementares	15 (quinze)	11 (onze)	04 (quatro)
Tradução do livro “O Pequeno Príncipe” disponível na editora Arara Azul	02 (dois)	01 (um)	01 (um)
Tradução dos livros “As aventuras de Pinóquio”, “Aladim e a lâmpada misteriosa” disponíveis na editora Arara Azul	02 (dois)	02 (dois)	0 (zero)
Tradução do livro “O caso da vara” disponível na editora Arara Azul	02 (dois)	01 (um)	01 (um)
Tradução da página inicial do site ² da série crisálida	01 (um)	01 (um)	01 (um)
Janela de Libras do curta-metragem Crisálida (2016)	01 (um)	01 (um)	01 (um)

² Disponível em <www.seriecrisalida.com.br> acesso em 29/11/2020

Tradução Português/Libras dos diálogos dos roteiros da série <i>Crisálida</i> (2018)	02 (dois)	01 (um)	01 (um)
Janela de Libras da série <i>Crisálida</i> (2018)	03 (três)	02 (dois)	01 (um)
Tradução do projeto cultural “Cirandas Brasileiras”	02 (dois)	01 (um)	01 (um)
Tradução da música <i>Combachy</i> (2019) ³	04 (quatro)	04 (quatro)	04 (quatro)
Tradução da música <i>Seu crime</i> (2018) ⁴	02 (dois)	01 (um)	01 (um)
Tradução da música <i>Só depois do carnaval</i> (2019) ⁵	02 (dois)	01 (um)	01 (um)
Tradução da música <i>Terremoto</i> (2019) ⁶	02 (dois)	01 (um)	01 (um)
Tradução do folheto <i>Antônio Silvino, o rei dos cangaceiros</i> ⁷	02 (dois)	02 (dois)	02 (dois)
Vídeo Guia em Libras do MAM-SP ⁸	02 (dois)	01 (um)	01 (um)

Fonte: a autora, com base nos dados coletados

Na tabela acima é possível observar muitas produções em que um ou mais tradutor/intérprete surdo faz parte da equipe. Observa-se também a diversidade de trabalhos apresentados, pois na tabela temos ocorrências de traduções literárias, traduções de provas, e algumas traduções na esfera artística envolvendo músicas, projeto cultural, e até o vídeo guia do MAM de SP. Esses dados mostram a diversidade de traduções envolvendo tradutores/intérpretes surdos existentes hoje no Brasil.

Tabela 2 – Legendagem de vídeos que estão em uma língua gestual

Encargo	Tradutores	Tradutores Surdos	Tradutores Ouvintes
Curta-metragem <i>Crisálida</i> (2016)	02 (dois)	01 (um)	01 (um)
Versão da Série <i>Crisálida</i> (2018) exibida no 6º Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa; o 2º Congresso Nacional de Pesquisas em Linguística de Línguas de Sinais; e o 4º Encuentro de Sordos e Intérpretes de Lengua de Señas	02 (dois)	01 (um)	01 (um)

Fonte: a autora, com base nos dados coletados

³ Disponível em <<https://www.instagram.com/p/B8wgm-opnZk/>> acesso em 29/09/2020

⁴ Disponível em <<https://www.instagram.com/p/BuZdX76lU7U/>> acesso em 29/09/2020

⁵ Disponível em <<https://www.instagram.com/p/BuW2vNulaya/>> acesso em 29/09/2020

⁶ Disponível em <<https://www.instagram.com/p/BuUT6t-lvE9/>> acesso em 29/09/2020

⁷ Disponível em <https://youtu.be/h_8VLegBpXU> acesso em 29/09/2020

⁸ Disponível em <<https://youtu.be/cYb2s7eLRNc>> acesso em 29/09/2020

Com relação ao exemplo citado acima, “Legendagem de vídeos que estão em uma língua gestual”, foram encontrados dois exemplos conforme a tabela acima, em que pelo menos um tradutor/intérprete surdo participou da legendagem. Gostaria de mencionar que o projeto Crisálida, contou com a participação não só de um tradutor surdo, mas também de atores surdos e de um consultor surdo, conforme citam Pinho e Ferreira (2020).

Tabela 3 – Tradução de textos em língua vocal escrita para a escrita de uma língua gestual e vice-versa

Encargo	Tradutores	Tradutores Surdos	Tradutores Ouvintes
Tradução para a escrita de Sinais (SW) dos materiais do curso de Letras Libras UFSC	04 (quatro)	02 (dois)	02 (dois)
Trechos da tese ⁹ “ <i>Textos e Contextos Artísticos e Literários: Tradução e Interpretação em Libras</i> ” (STUMPF, 2005)	01 (um)	01 (um)	0 (zero)
Trechos da tese ¹⁰ “ <i>A classificação dos verbos com concordância da língua brasileira de sinais: uma análise a partir do signwriting</i> ” (WANDERLEY, 2015)	01 (um)	01 (um)	0 (zero)

Fonte: a autora, com base nos dados coletados

Na tabela acima os dados coletados mostram que a tradução para a escrita de sinais (SW) se dá em sua maior parte no contexto acadêmico, e com uma certa predominância de tradutores/intérpretes surdos.

Tabela 4 – Interpretação à prima vista de textos escritos em língua vocal para a língua gestual oral

Encargo	Tradutores	Tradutores Surdos	Tradutores Ouvintes
Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa	Não foi possível identificar a quantidade	08 (oito)	Não foi possível identificar a quantidade
Festival Brasileiro de Cultura Surda	Não foi possível	01 (um)	Não foi possível

⁹ Disponível em <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/5429>> acesso em 29/09/2020

¹⁰ Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/194005/PLLG0720-T.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> acesso em 29/09/2020

	identificar a quantidade		identificar a quantidade
--	--------------------------	--	--------------------------

Fonte: a autora, com base nos dados coletados

Na tabela acima (Tabela 4), os dados mostram que a interpretação à prima vista se dá na maioria das vezes em um contexto de conferência, em que o palestrante utiliza um ou mais slides, e faz a leitura do mesmo durante a apresentação, dessa forma o interprete precisa realizar a interpretação à prima vista do trecho apresentado.

Tabela 5 – Interpretação de língua vocal oral para a língua gestual oral e vice-versa

Encargo	Tradutores	Tradutores Surdos	Tradutores Ouvintes
Interpretação de lives ¹¹ promovidas pela Workshow Cuidados Artísticos (2020)	05 (cinco)	01 (um)	04 (quatro)
Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa	Não foi possível identificar a quantidade	08 (oito)	Não foi possível identificar a quantidade

Fonte: a autora, com base nos dados coletados

A tabela acima (Tabela 5) mostra que existe ocorrência de interpretação de língua vocal oral para a língua gestual, em dois contextos diferentes. O primeiro contexto mencionado, é o contexto artístico, mais especificamente na área da música, que no ano de 2020 ganhou espaço durante a pandemia do COVID-19 com apresentações de artistas através de lives, e neste caso com um tradutor/intérprete surdo na equipe. Já o outro contexto é um contexto de conferência, em que havia tradutores/intérpretes surdos na equipe.

Tabela 6 – Interpretação de uma língua gestual estrangeira para a língua gestual nacional e vice-versa

Encargo	Tradutores	Tradutores Surdos	Tradutores Ouvintes
Interpretação no 2º Congresso Latino-Americano de Educação Bilíngue para Surdos	Não foi possível identificar a quantidade	01 (um)	Não foi possível identificar a quantidade

¹¹ Exemplo de uma das lives promovidas disponível em <https://youtu.be/q9_Yb8dP7JI> acesso em 29/09/2020

V Deaf Academics	Não foi possível identificar a quantidade	03 (três)	Não foi possível identificar a quantidade
Simpósio Caminhos da Inclusão: Saberes Científicos e Tecnológicos. Sua Importância para o Desenvolvimento do Indivíduo Surdo.	Não foi possível identificar a quantidade	03 (três)	Não foi possível identificar a quantidade
I Encontro Nacional de Surdos e Surdas	Não foi possível identificar a quantidade	04 (quatro)	Não foi possível identificar a quantidade
Festival Brasileiro de Cultura Surda	Não foi possível identificar a quantidade	01 (um)	Não foi possível identificar a quantidade
Conferência da ONU: Rio + 20	Não foi possível identificar a quantidade	04 (quatro)	Não foi possível identificar a quantidade
Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa	Não foi possível identificar a quantidade	01 (um)	Não foi possível identificar a quantidade
Simpósio Caminhos da Inclusão: Saberes Científicos e Tecnológicos. Sua Importância para o Desenvolvimento do Indivíduo Surdo.	Não foi possível identificar a quantidade	03 (três)	Não foi possível identificar a quantidade

Fonte: a autora, com base nos dados coletados

Na tabela acima (Tabela 6) encontramos uma maior ocorrência de interpretações em que um ou mais tradutores/intérpretes surdos estavam presentes. A maioria dessas interpretações, aconteceram em contexto de conferência.

Tabela 7 – Interpretação de/ para o Sistema de Sinais Internacionais

Encargo	Tradutores	Tradutores Surdos	Tradutores Ouvintes
I Encontro de Jovens Surdos do Rio Grande do Sul	Não foi possível identificar a quantidade	01 (um)	Não foi possível identificar a quantidade
Seminário Internacional Brasil/Portugal: Pesquisa Atuais na área de surdez. Possibilidades de escrita pelos surdos	Não foi possível identificar a quantidade	01 (um)	Não foi possível identificar a quantidade
V Deaf Academics	Não foi possível	03 (três)	Não foi possível

	identificar a quantidade		identificar a quantidade
I Encontro de alunos ASL e SI	09 (nove)	09 (nove)	0 (zero)
II Encontro latino-americano de tradutores intérpretes e guia-intérpretes – ELATILS	Não foi possível identificar a quantidade	04 (quatro)	Não foi possível identificar a quantidade
Festival Brasileiro de Cultura Surda	Não foi possível identificar a quantidade	01 (um)	Não foi possível identificar a quantidade
Conferência da ONU: Rio + 20	Não foi possível identificar a quantidade	04 (quatro)	Não foi possível identificar a quantidade
Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa	Não foi possível identificar a quantidade	01 (um)	Não foi possível identificar a quantidade
II Encontro latino-americano de tradutores intérpretes e guia intérpretes – ELATILS (2015)	22 (vinte e dois)	04 (quatro)	Não foi possível identificar a quantidade
Abertura do Curso Letras Libras	01 (um)	01 (um)	01 (um)
XI Congresso Internacional da Abrapt e V Congresso Internacional de Tradutores	Não foi possível identificar a quantidade	01 (um)	Não foi possível identificar a quantidade
II Encontro da FEBRAPILS	Não foi possível identificar a quantidade	01 (um)	Não foi possível identificar a quantidade
Palestra em francês sobre Antropologia Instituto visual e Identidade Surda: o mundo dos surdos em antropologia e arte do Oliver Shetrit	Não foi possível identificar a quantidade	02 (dois)	Não foi possível identificar a quantidade
XIII Congresso Internacional e XIX Seminário Nacional do INES Instituto Nacional de Educação de Surdos	Não foi possível identificar a quantidade	05 (cinco)	Não foi possível identificar a quantidade
I Encontro de Surdos e Surdas	Não foi possível identificar a quantidade	04 (quatro)	Não foi possível identificar a quantidade
Simpósio Caminhos da Inclusão: Saberes Científicos e Tecnológicos. Sua Importância para o Desenvolvimento do Indivíduo Surdo.	Não foi possível identificar a quantidade	04 (quatro)	Não foi possível identificar a quantidade
Congresso do INES	Não foi possível identificar a quantidade	10 (dez)	Não foi possível identificar a quantidade

Fonte: a autora, com base nos dados coletados

Na tabela acima (Tabela 7), observamos um grande número de interpretações para o Sistema de Sinais Internacionais em um contexto de conferência, e em sua maioria, com mais de um tradutor/intérprete surdo na equipe.

Com relação à “interpretação intralingual da língua gestual nacional para variações regionais, sistemas caseiros de sinais, formas mais simplificadas, sistemas gestuais mais transparentes e vice-versa”, não foi possível encontrar registros, pois é uma atividade que ocorre muitas vezes sem registro em vídeo, provavelmente, por ser um tipo de interpretação intralingual e comunitária. Segundo Cavallo, Reuillard (2016) a interpretação comunitária geralmente é realizada em:

contextos médico-hospitalares e sócio-educacionais; a interpretação judicial, que ocorre principalmente em tribunais e delegacias de polícia; a interpretação “de enlace” (HURTADO ALBIR, 2001, p. 82), isto é, de ligação, ou “de acompanhamento”, indicando o serviço de interpretação fornecido em reuniões de negócios ou em câmaras de comércios, bem como durante acompanhamentos em fábricas, instalações industriais, entre outros. (p. 356)

Sendo assim, devido ao contexto em que esse tipo de interpretação acontece, na maioria das vezes, senão em todas elas, o registro não é feito em vídeo, e nem mesmo em fotos.

Tabela 8 – Guia-interpretação a partir de uma língua gestual (i.e., de caráter intralingual intramodal ou interlingual intramodal) ou de uma língua vocal (i.e., de caráter interlingual intermodal); entre outras.

Encargo	Tradutores	Tradutores Surdos	Tradutores Ouvintes
Guia-interpretação de aulas no curso Letras-Libras presencial da UFSC	01 (um)	01 (um)	0 (zero)
Guia-interpretação no Letras-Libras EaD UFSC polo Joinville	03 (três)	03 (três)	0 (zero)
Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa	Não foi possível identificar a quantidade	02 (dois)	Não foi possível identificar a quantidade
Seminário do curso de Letras-Libras	Não foi possível identificar a quantidade	02 (dois)	Não foi possível identificar a quantidade

Fonte: a autora, com base nos dados coletados

Nos cursos de Letras-Libras presencial da UFSC, podemos observar o caso de dois alunos surdocegos que necessitavam de guia-interpretação para ter acesso as aulas durante o curso. Para que houvesse a interpretação, dois intérpretes ouvintes ficavam em sala, mas em determinados momentos, alguns alunos surdos se ofereciam para fazer a guia-interpretação, como por exemplo, em alguns trabalhos em grupo e, até mesmo, durante algumas aulas. Além disso, conforme pode ser observado acima (Tabela 8), quando não havia guias-intérpretes, alunos surdos faziam a guia-interpretação das aulas para o aluno surdocego, conforme pode-se observar na dissertação de Ferreira (2019). Nas aulas do Letras-Libras EaD havia também a guia-interpretação de autoria surda durante, aproximadamente, um ano, contando com três guia-intérpretes surdos.

5.2 Os dados dos questionários

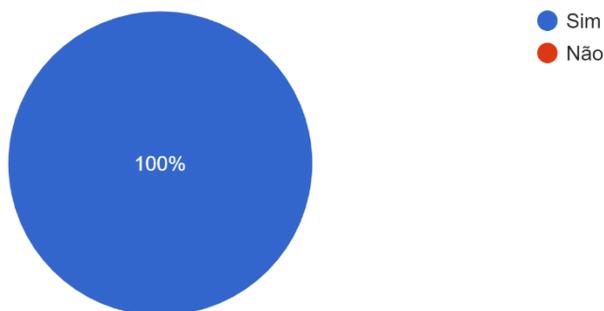
Conforme já mencionamos, uma das etapas da pesquisa, foi a aplicação de um questionário on-line que obteve um total de 29 respondentes tradutores/ intérpretes surdos. Não foi necessária a identificação dos respondentes, assim como gênero, residência ou idade. Os dados coletados dizem respeito apenas à experiência como tradutor/ intérprete surdo, a partir das categorias de atividades apresentadas por Rodrigues e Ferreira (2020). Os dados coletados possibilitaram uma análise mais ampla da atuação e da inserção no mercado de trabalho desses tradutores/ intérpretes surdos, já que no levantamento inicial, não identificamos alguns tipos de atuação, devido ao contexto envolvido em que, por exemplo, não se tem um registro em vídeo e/ ou outro tipo de registro público dessa atividade.

Nesta subseção, organizamos os dados coletados através do questionário aplicado. Os dados estão em formato de gráfico e foram calculados automaticamente, através do Google Formulários. Para uma melhor visualização, os dados serão apresentados por seção, sendo que os dados da seção 2 tem relação direta com os exemplos anteriormente citados e são nove questões. Já os dados da seção 3 referem-se a algumas perguntas específicas sobre a atuação em determinados contextos, conforme será apresentado. Após a apresentação dos dados, será feita a análise deles na seção seguinte.

Dados coletados na seção 1

Os dados apresentados abaixo, estão na seção 1, na qual havia a seguinte orientação: “Nas questões seguintes, perguntaremos sobre as atividades de tradução e/ ou interpretação que você já desenvolveu”. Os dados desse primeiro gráfico se referem à seguinte questão: “Tradução de um texto escrito em uma língua vocal para uma língua gestual oral em vídeo?”.

Gráfico 1 – Tradução de um texto escrito em uma língua vocal para uma língua gestual oral em vídeo

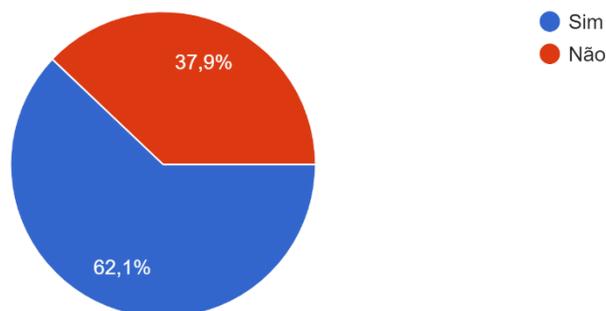


Fonte: a autora, a partir da sistematização do Google Formulários

De acordo com o questionário, é possível perceber que todos os tradutores surdos, já fizeram uma tradução intermodal não escrita. Portanto, essa parece ser uma atividade bem comum em meio aos encargos de tradução assumidos pelos profissionais surdos da tradução e da interpretação de línguas de sinais.

Os dados apresentados a seguir, estão na seção 1 e dizem respeito à seguinte questão “Legendagem de um vídeo que estava em língua gestual?”.

Gráfico 2 – Legendagem de um vídeo que estava em língua gestual?

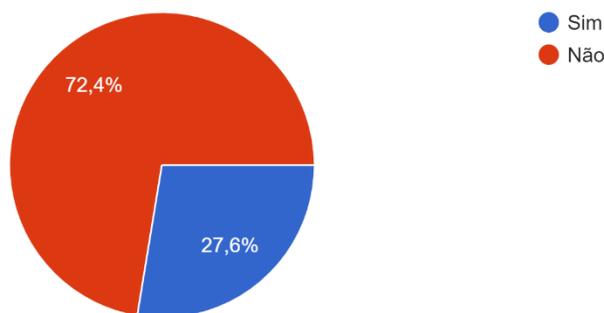


Fonte: a autora, a partir da sistematização do Google Formulários

Os dados acima mostram que mais da metade dos tradutores surdos, já fizeram uma tradução intermodal escrita.

Os dados apresentados abaixo, estão na seção 1 e se referem à seguinte questão: “Tradução de um texto em língua vocal escrita para a escrita de uma língua gestual e vice-versa?”.

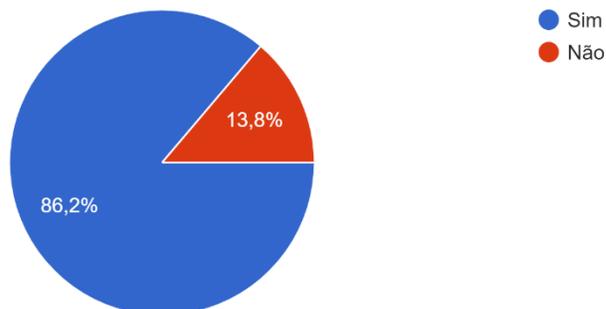
Gráfico 3 – Tradução de um texto em língua vocal escrita para a escrita de uma língua gestual e vice-versa



Fonte: a autora, a partir da sistematização do Google Formulários

Na questão acima, é possível observar que mais da metade dos tradutores surdos, nunca fizeram uma tradução intermodal escrita. Os dados apresentados a seguir, estão na seção 1 e se referem à seguinte questão: “Interpretação à prima vista de textos escritos em língua vocal para a língua gestual oral?”.

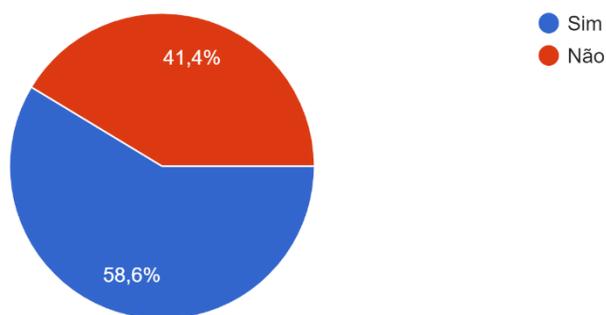
Gráfico 4 – Interpretação à prima vista de textos escritos em língua vocal para a língua gestual oral



Fonte: a autora, a partir da sistematização do Google Formulários

Nessa questão, nota-se que a grande maioria dos intérpretes surdos já fizeram uma interpretação/tradução a prima vista intermodal. Os dados apresentados aqui, estão na seção 1 e dizem respeito a seguinte questão: “Interpretação de língua vocal oral para a língua gestual e vice-versa”.

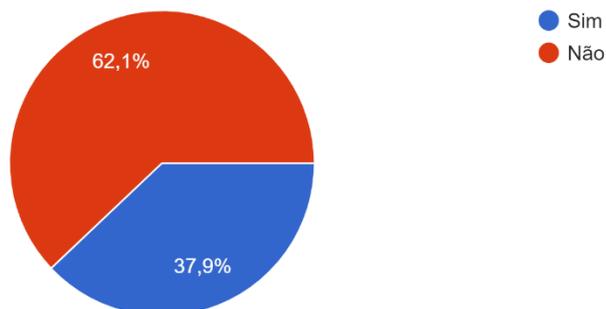
Gráfico 5 – Interpretação à prima vista de textos escritos em língua vocal para a língua gestual oral



Fonte: a autora, a partir da sistematização do Google Formulários

Na questão acima, percebe-se que mais de 50% dos intérpretes surdos já fizeram uma interpretação intermodal. Os dados abaixo, estão na seção 1 e dizem respeito a seguinte questão: “Interpretação de uma língua gestual estrangeira para a língua gestual nacional e vice-versa”

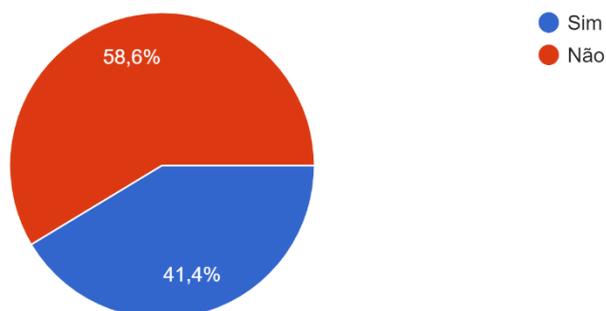
Gráfico 6 – Interpretação de uma língua gestual estrangeira para a língua gestual nacional e vice-versa



Fonte: a autora, a partir da sistematização do Google Formulários

Nota-se que a maioria dos intérpretes surdos nunca fez uma interpretação intramodal, conforme o gráfico acima. Os dados a seguir, estão na seção 1, e se referem a seguinte questão: “Interpretação de/para o Sistema de Sinais Internacionais”.

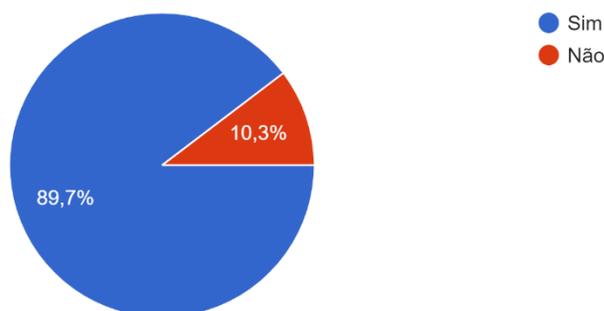
Gráfico 7 – Interpretação de/ para o Sistema de Sinais Internacionais



Fonte: a autora, a partir da sistematização do Google Formulários

A partir do gráfico acima, nota-se que a maioria dos intérpretes surdos nunca fez uma interpretação intramodal. Os dados abaixo estão na seção 1, e se referem a seguinte questão: “Interpretação intralingual da língua gestual nacional para variações regionais, sistemas caseiros de sinais, formas mais simplificadas, sistemas gestuais mais transparentes e vice-versa”

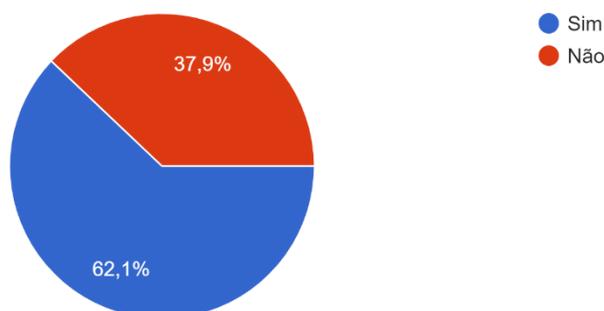
Gráfico 8 – Interpretação intralingual da língua gestual nacional para variações regionais, sistemas caseiros de sinais, formas mais simplificadas, sistemas gestuais mais transparentes e vice-versa



Fonte: a autora, a partir da sistematização do Google Formulários

Já a questão 08 aponta que grande maioria dos intérpretes surdos, já atuou em uma interpretação intramodal intralingual, conforme gráfico acima. Os dados abaixo estão na seção 1, e fazem referência a seguinte questão: “Guia-interpretação a partir de uma língua gestual (i.e., de caráter intralingual intramodal ou interlingual intramodal) ou de uma língua vocal (i.e., de caráter interlingual intermodal); entre outras”.

Gráfico 9 – Guia-interpretação a partir de uma língua gestual (i.e., de caráter intralingual intramodal ou interlingual intramodal) ou de uma língua vocal (i.e., de caráter interlingual intermodal); entre outras



Fonte: a autora, a partir da sistematização do Google Formulários

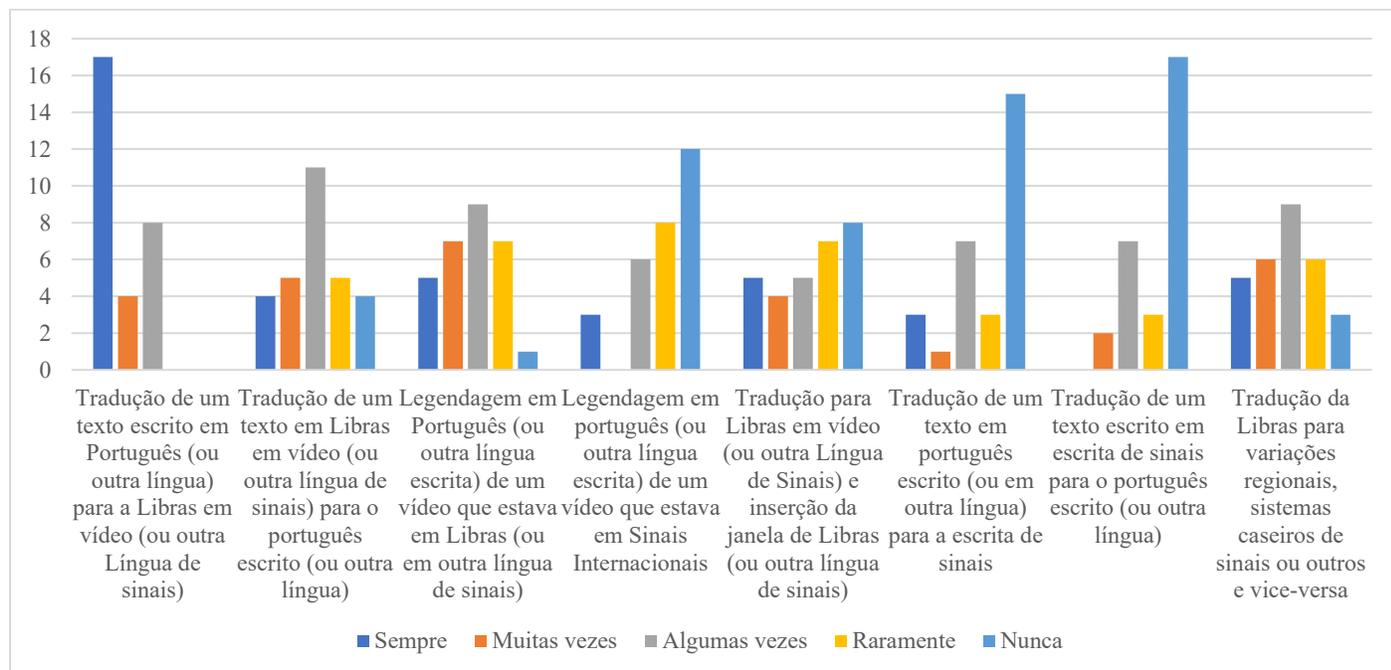
A última questão dessa seção, aponta que grande parte dos intérpretes surdos já atuou em um contexto de guia-interpretação.

Dados coletados na seção 2

A seguir, apresento os dados coletados na seção 2. Nesta seção, os exemplos eram novamente apresentados, e era preciso responder com que frequência se havia atuado em cada encargo. As frequências de atuação seguiam uma escala e eram as seguintes: (i) sempre; (ii) muitas vezes; (iii) algumas vezes; (iv) raramente; e (v) nunca.

Para uma melhor visualização, a apresentação dos gráficos será feita em três partes, sendo elas: (1) questões relacionadas à tradução; (2) questões relacionadas à interpretação; e (3) questões relacionadas à guia-interpretação.

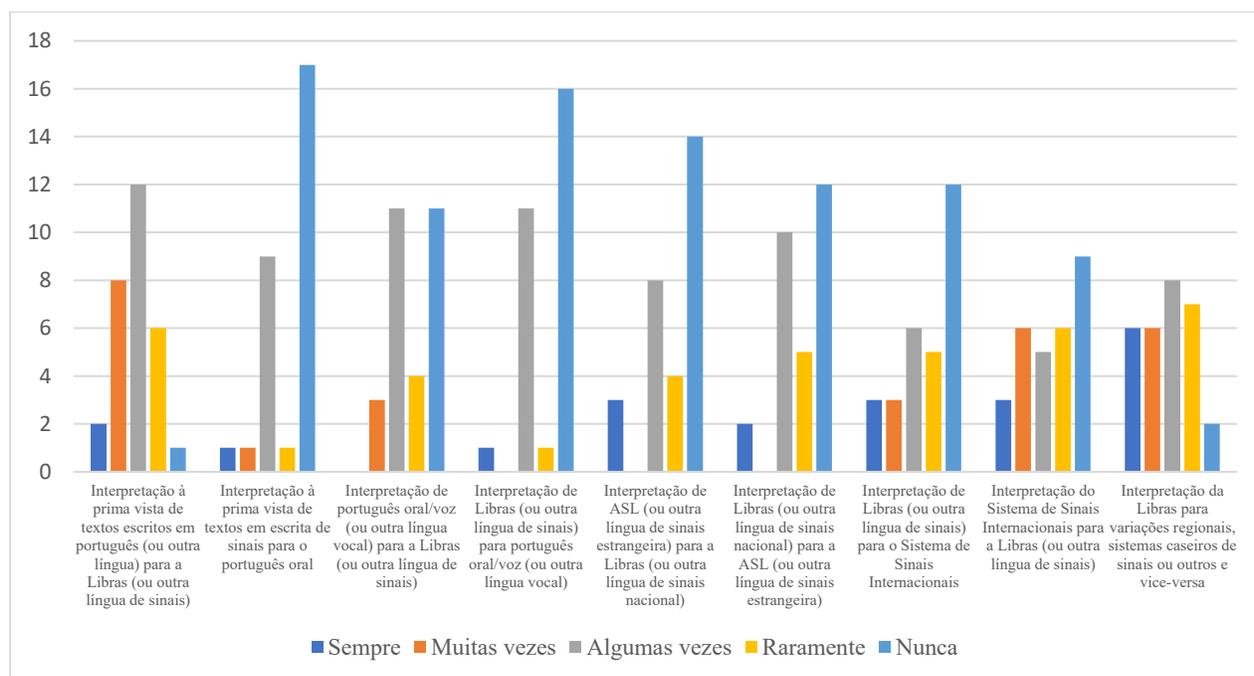
Gráfico 10 – Questões relacionadas à tradução



Fonte: a autora, a partir da sistematização do Google Formulários

O gráfico acima (Gráfico 10), refere-se às questões relacionadas à tradução. Observa-se que todos os 29 respondentes, atuam realizando traduções e que a predominância com relação a frequência se dá na seguinte questão: “Tradução de um texto escrito em Português (ou em outra língua) para a Libras em vídeo (ou outra língua de sinais)”. Nessa questão a maioria dos respondentes selecionou a opção *sempre* e foi a única questão em que as frequências *nunca* e *raramente* não apareceram, o que nos mostra que essa é a maior área de atuação, quando se trata de tradução. Por outro lado, a seguinte questão: “Tradução de um texto escrito em escrita de sinais para o português escrito (ou outra língua) para a escrita de sinais” obteve a maior frequência de respondentes que *nunca* realizaram a tarefa, e foi a única questão que não obteve a frequência *sempre* mostrando-se assim como a atividade de menor frequência na área de tradução, quando comparada com as demais.

Gráfico 11 – Questões relacionadas à interpretação

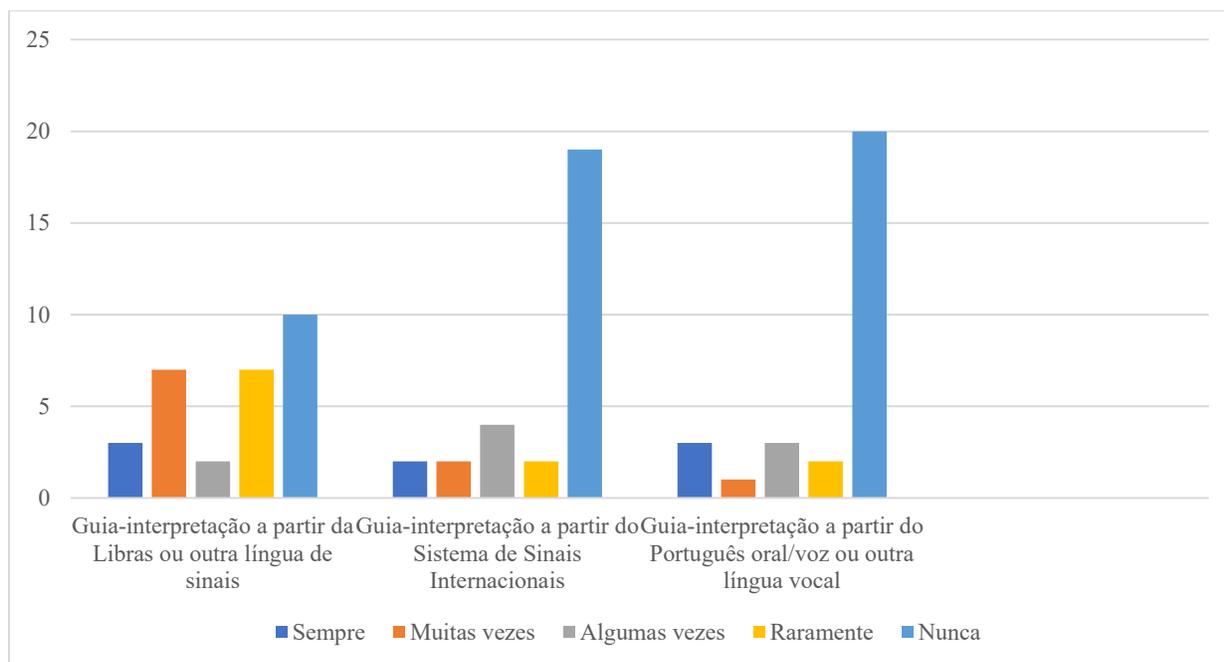


Fonte: a autora, a partir da sistematização do Google Formulários

O gráfico acima (Gráfico 11) é referente às questões relacionadas à interpretação. Nele, a frequência *nunca* aparece com mais frequência se comparado ao gráfico anterior. Nota-se que os

tipos de interpretação com maior frequência de atuação são: “Interpretação da Libras para variações regionais (ou sistemas caseiros de sinais ou outros e vice-versa) e “Interpretação à prima vista de textos escritos em português (ou outra língua) para a Libras (ou outra língua de sinais)”. Já a questão com menor frequência de atuação, é: “Interpretação à prima vista de textos em escrita de sinais para o português oral”.

Gráfico 12 – Questões relacionadas à guia-interpretação



Fonte: a autora, a partir da sistematização do Google Formulários

O gráfico acima (Gráfico 12) é referente as questões relacionadas a guia-interpretação. Foram feitas três perguntas relacionadas a guia-interpretação, e dessas três questões, a que obteve maior frequência de atuação foi a “Guia-interpretação a partir da Libras ou outra língua de sinais”. Já as questões “Guia interpretação a partir do Sistema de Sinais Internacionais” e “Guia-interpretação a partir do Português oral/voz ou outra língua vocal” obtiveram um resultado em relação a frequência parecido, pois a maioria dos respondentes escolheu a opção *nunca*.

6 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO

A partir da coleta dos dados, é possível perceber que os surdos atuam cada vez mais como intérpretes e tradutores em diversas esferas. Segundo Stone (2020), podemos considerar que algumas atividades são mais comuns aos tradutores/ intérpretes surdos e, conforme observamos, de fato existem áreas com maior presença e/ ou frequência de atuação de tradutores/ intérpretes surdos.

No Brasil, o primeiro curso de Letras-Libras, iniciado na UFSC, em 2006, trouxe essa realidade à tona, pois a equipe de tradução, inicialmente, era composta, principalmente e preferencialmente, por surdos. É importante ressaltar que havia um processo de avaliação para a escolha desses tradutores, conforme explica Quadros (2014), já que assim como o tradutor/intérprete ouvinte precisa ter formação e competências que o habilitem para a função, o tradutor/intérprete surdo precisa disso também.

6.1 Análise e discussão dos dados do levantamento inicial

O levantamento inicial — composto por uma busca geral, conforme mencionado anteriormente — mostrou que existem produções e registros tanto de cunho acadêmico como de cunho artístico que contam com a presença de tradutores/intérpretes surdos. Foi possível identificar, principalmente, em trabalhos relacionados à área de tradução, a presença dos profissionais surdos, já que esses trabalhos têm como produto um vídeo ou um texto que fica documentado. Gostaria de ressaltar a presença dos tradutores surdos na tradução das provas e materiais do Letras-Libras, fato que foi corroborado, conforme afirma Quadros (2014), pela prioridade dada aos surdos no momento da seleção da equipe.

Já na área de interpretação, não foi possível identificar tantos registros, já que o produto dessa interpretação, muitas vezes, não foi documentado, principalmente quando se trata de guia- interpretação e de interpretação intralingual intramodal. Ainda assim, nota-se uma grande presença de intérpretes surdos atuando em eventos e em conferências, sendo que quando se trata de interpretação intermodal, esses profissionais, na maioria das vezes, atuam em equipes com

intérpretes ouvintes. Todavia, quando se trata de interpretação intramodal gestual-visual, observa-se que eles trabalham, comumente em equipes compostas apenas com intérpretes surdos. Esses registros não foram facilmente encontrados e, em muitos casos, o registro que existia foi feito através de arquivos e fotos pessoais, ou seja, não foram encontrados vídeos e/ou fotos e nem mesmo nomes disponíveis em anais e/ou *sites* de congressos e eventos. Uma das formas encontradas para identificar esses intérpretes, foi entrar em contato com o coordenador da equipe via e-mail, pois ele dispunha desses dados, sendo possível, então, conhecer quantidade de surdos que atuaram em alguns dos eventos e congressos e, até mesmo, quem eram.

Dessa forma, sabemos que os tradutores e os intérpretes surdos atuam em diversos contextos, porém não se tem registro de alguns desses contextos, fato que justifica e evidencia a relevância desta pesquisa, ainda que ela seja apenas um levantamento e registro inicial. De modo geral, o campo com mais registros encontrados foi o da tradução, pois conforme mencionado anteriormente, se tem o registro dessas traduções. A dificuldade encontrada nesse levantamento, foi a identificação da autoria surda, pois a autoria muitas vezes traz apenas o nome do tradutor, sendo assim, para identificar se esse tradutor era surdo, foi necessário, em alguns momentos, fazer uma pesquisa mais detalhada, conforme já mencionamos. Foi possível identificar também a autoria surda através de trabalhos que possuem uma explicação ou um detalhamento da equipe, com a menção a participantes surdos.

Na área da interpretação, os registros não foram facilmente encontrados, já que o produto, muitas vezes, não está disponível ao público, por ser efêmero e imediato (RODRIGUES e SANTOS, 2018), porém ao consultar alguns trabalhos como artigos, teses, dissertações, foi possível identificar intérpretes surdos atuando, principalmente, no contexto de conferência, em diversos eventos em todo o Brasil. Nesse contexto, esses intérpretes atuam na interpretação intermodal geralmente em equipes mistas e na interpretação intramodal gestual-visual em equipes, muitas vezes, apenas com surdos, realizando a interpretação de/ para outras línguas de sinais, e/ ou para o Sistema de Sinais Internacionais. Ainda na área de interpretação, não foram encontrados registros de interpretação intralingual para a línguas de sinais nacionais. Sabemos que esse tipo de interpretação acontece, mas a falta de registro mostra que, muitas vezes, ela acontece a nível de interpretação comunitária, que, na maioria das vezes, não possui registro em foto e/ ou vídeo, conforme já mencionamos.

Esses dados apontam que existem tradutores/ intérpretes surdos atuando em diversos contextos no Brasil e com uma diversidade de gêneros textuais, mas que, em alguns casos, não se tem um registro, principalmente, dessas interpretações, registro esse que se faz necessário, para que essas atuações sejam reconhecidas e possam ser analisadas, posteriormente, em sua frequência e diferenciação, como por exemplo, a diferença que existe na tradução/ interpretação em que temos uma equipe apenas de tradutores/ intérpretes ouvintes e uma tradução/ interpretação em que temos um ou mais surdos na equipe, pois a participação de um tradutor/ intérprete surdo, possibilita um olhar diferente para a tradução, devido à visão de mundo que o surdo tem, sua visualidade e seu domínio da língua de sinais.

6.2 Análise e discussão dos dados do questionário

A primeira seção do questionário, apresenta dados que permitem perceber em qual ou em quais dos encargos os tradutores/ intérpretes surdos mais atuam. Em relação à primeira atividade mencionada, a “tradução de um texto escrito em uma língua vocal para uma língua gestual oral em vídeo”, classificada como uma tradução intermodal não escrita, vemos que todos os 29 participantes da pesquisa já a realizaram. É interessante notar que, também, foi possível encontrar mais registros desse tipo de tradução na pesquisa inicial realizada em materiais bibliográficos e na *internet*.

Nota-se que esse é um tipo muito comum de tradução de autoria surda, já que na seção seguinte do questionário, a frequência com que essa atividade é desenvolvida mostra-se alta, visto que a maioria dos respondentes indicaram que *sempre* fazem esse tipo de trabalho (17 pessoas), enquanto que a frequência *muitas vezes* (4 pessoas) e *algumas vezes* (8 pessoas) foram as que receberam maior número de respostas se comparadas as opções *raramente* e *nunca* que não foram indicadas.

É interessante observar que quando invertermos as línguas, ou seja, a tradução se dá de um texto em língua de sinais para um texto escrito em língua vocal, essa frequência muda, já que a maioria respondeu que já desempenhou esse tipo de tradução *algumas vezes* (11 pessoas), *sempre* (4 pessoas), *muitas vezes* (05 pessoas), *raramente* (05 pessoas) e *nunca* (4 pessoas). Sendo assim,

nota-se que comumente os profissionais surdos desempenham com menos frequência esse tipo de tradução.

O segundo encargo, “a legendagem de um vídeo que estava em uma língua gestual”, classificado com tradução intermodal escrita, apontou que 62,1% dos tradutores surdos já atuaram nesse contexto, enquanto 37,9% nunca fizeram uma tradução desse tipo. Na seção seguinte, em que se questiona a frequência desse tipo de atuação, foi possível perceber que a maioria dos tradutores que responderam ao questionário realizam essa atividade *algumas vezes* (9 pessoas), *muitas vezes* (07 pessoas), *raramente* (07 pessoas), *sempre* (5 pessoas), e apenas 01 pessoa que *nunca* realizou esse tipo de tradução.

Foi questionada também, a frequência desse tipo de tradução quando se trata do Sistema de Sinais Internacionais, ou seja, a legendagem de um vídeo em Sinais Internacionais para o português ou outra língua vocal escrita. Neste caso, nota-se que a maioria *nunca* realizou esse tipo de tradução (12 pessoas), (9 pessoas) *raramente* atuam nessa função, seguidos de *algumas vezes*, (6 pessoas), *muitas vezes* (0 pessoas) e *sempre* (3 pessoas).

Além disso, questionou-se também a frequência com que os tradutores surdos realizam a tradução para uma língua de sinais em vídeo com a inserção da janela de língua de sinais. Vimos que a maioria não tem experiência com essa atividade, sendo que 8 pessoas *nunca* realizaram esse tipo de tradução, seguido daqueles que realizaram *raramente* (07 pessoas), *algumas vezes* e *sempre* (5 pessoas) e *muitas vezes* (4 pessoas). É importante observar que quando se trata especificamente dos Sinais Internacionais, a frequência não é a mesma de quando se trata de uma outra língua de sinais, como a Libras, por exemplo.

O próximo encargo é “a tradução de um texto em língua vocal escrita para a escrita de uma língua gestual”, classificado como uma tradução intermodal escrita. Vimos que apenas 27,6% nunca fizeram uma tradução assim, enquanto 72,4% já fizeram uma tradução desse tipo. Já na seção que questiona a frequência dessa atuação, a primeira questão refere-se à tradução de uma língua vocal escrita para uma língua de sinais escrita, revelou que a maioria *nunca* (15 pessoas) realizou esse tipo de tradução, seguida por *muitas vezes* (07 pessoas), *sempre* (03 pessoas), *raramente* (03 pessoas) e *muitas vezes* (01 pessoa). Ao inverter a questão, ou seja, considerar a tradução de um texto escrito em escrita de sinais para um texto escrito em português, percebemos que a frequência desse tipo de tradução, é bem parecida já que a maioria *nunca* (17 pessoas)

realizou esse tipo de tradução, seguidos por *algumas vezes* (07 pessoas), *raramente* (03 pessoas), *muitas vezes* (02 pessoas) e *sempre* (0 pessoas).

O quarto encargo, “interpretação à prima vista de textos escritos em língua vocal para a língua gestual oral”, classificado como uma interpretação/tradução à prima vista intermodal, apontou que a maioria dos intérpretes surdos (82,6%) já atuou dessa forma enquanto apenas 13,8% nunca atuou. Nessa questão, a frequência revelou que quando se trata de uma interpretação à prima vista do português (ou outra língua escrita) para a Libras (ou outra língua de sinais) a maioria já atuou *algumas vezes* (12 pessoas) nesse encargo, seguida por *muitas vezes* (08 pessoas), *raramente* (06 pessoas), *sempre* (02 pessoas) e *nunca* (01 pessoa). Ao inverter as línguas, observamos que a maioria *nunca* (17 pessoas) atuou nesse tipo de interpretação, seguida por *algumas vezes* (09 pessoas), *sempre* (01 pessoa), *muitas vezes* (01 pessoa) e *raramente* (01 pessoa).

A quinta atividade, “a interpretação de língua vocal oral para a língua gestual e vice-versa”, classificada como uma interpretação intermodal, mostrou que um pouco mais da metade dos intérpretes (58,6%) já atuou dessa forma, e 41,4% nunca atuou nesse contexto. Com relação à frequência, observa-se que quando se trata de uma interpretação de português oral/voz (ou outra língua vocal) para a Libras (ou outra língua de sinais), muitos *nunca* (11 pessoas) atuaram nesse encargo, enquanto 11 já atuaram *algumas vezes* seguidos por *raramente* (04 pessoas), *muitas vezes* (03 pessoas) e *sempre* (0 pessoas). Já quando se trata da interpretação da Libras para uma língua vocal, a maioria *nunca* (16 pessoas) atuou dessa forma, 11 pessoas já atuaram *algumas vezes*, 01 pessoa atua *raramente*, 01 pessoa possui uma frequência maior, pois *sempre* atua, enquanto nenhuma pessoa atua *muitas vezes*. Neste caso entende-se que a frequência de atuação é maior quando se trata da interpretação de uma língua vocal para uma língua de sinais.

O sexto encargo, “a interpretação de uma língua gestual estrangeira para a língua gestual nacional e vice-versa”, classificado como uma interpretação intramodal gestual-visual, apontou que a maioria (62,1%) dos profissionais que responderam o questionário nunca atuou nesse encargo, enquanto uma minoria (37,9%) já atuou. Com relação à frequência de atuação em interpretação de uma língua de sinais estrangeira para uma língua de sinais nacional, nota-se que a maioria *nunca* (14 pessoas) atuou dessa maneira, seguida por *algumas vezes* (08 pessoas), *raramente* (04 pessoas), *sempre* (03 pessoas) e *muitas vezes* (0 pessoas). Ao inverter as línguas, temos uma frequência de atuação bem parecida com *nunca* (12 pessoas), seguidos por *algumas*

vezes (10 pessoas), *raramente* (05 pessoas), *sempre* (02 pessoas) e *muitas vezes* (0 pessoas). Esses dados mostram que dos sujeitos que já atuaram nesse contexto, em sua maioria atua *algumas vezes* independente da direcionalidade da interpretação (língua de sinais estrangeira para língua de sinais nacional e vice versa).

O sétimo encargo, “a interpretação de/ para o Sistema de Sinais Internacionais”, classificado aqui como uma interpretação intramodal, mostrou que mais da metade dos intérpretes surdos que responderam o questionário (58,6%) nunca atuou dessa forma enquanto 41,4% já atuou. A seção de frequência revela que quando se trata de uma interpretação da Libras para o Sistema de Sinais Internacional, temos que 12 pessoas *nunca* atuaram nessa atividade, seguidos por *algumas vezes* (06 pessoas), *raramente* (05 pessoas), *muitas vezes* (03 pessoas) e *sempre* (03 pessoas). Os dados são parecidos quando invertemos as línguas e questionamos a frequência considerando uma interpretação do Sistema de Sinais Internacional para a Libras, já que 09 pessoas *nunca* atuaram, seguidos por *raramente* (06 pessoas) e *muitas vezes* (06 pessoas), *algumas vezes* (05 pessoas) e *sempre* (03 pessoas). Dos intérpretes que já atuaram nesse encargo, observamos que a frequência é parecida, independente da direcionalidade das línguas.

O oitavo encargo, “a interpretação intralingual da língua gestual nacional para variações regionais, sistemas caseiros de sinais, formas mais simplificadas, sistemas gestuais mais transparentes e vice-versa”, classificado como uma interpretação intralingual intramodal gestual-visual, apontou que uma grande parcela, totalizando 89,7% dos tradutores/ intérpretes surdos já atuou nesse encargo, enquanto 10,3% nunca atuou.

Considerando a frequência desse tipo de interpretação, os dados são os seguintes: 08 pessoas atuaram algumas vezes seguidos por: *raramente* (07 pessoas), *muitas vezes* (06 pessoas), *sempre* (06 pessoas) e *nunca* (02 pessoas). É interessante observar que dos 29 respondentes apenas 02 pessoas nunca atuaram nesse contexto, o que afirma a nossa hipótese de que essa atuação é comumente desempenhada, mas não se tem um registro já que ocorre comumente no contexto comunitário e intrassocial.

Questionamos também a frequência da tradução intralingual intramodal e, percebemos que a frequência de atuação é parecida com a frequência da questão anterior já que 09 pessoas já atuaram algumas vezes, 06 pessoas muitas vezes, 05 pessoas sempre, 06 pessoas raramente e apenas 03 pessoas nunca atuaram nesse tipo de atividade. Esse dado novamente chama a atenção

para a atuação de tradutores/ intérpretes surdos nesse contexto. No levantamento inicial não encontramos registros dessa atuação, mas ao questionar diretamente os tradutores/ intérpretes surdos, encontramos uma grande frequência e ocorrência desse tipo de interpretação em contexto comunitário.

O último encargo, “guia-interpretação a partir de uma língua gestual (i.e., de caráter intralingual intramodal ou interlingual intramodal) ou de uma língua vocal (i.e., de caráter interlingual intermodal)”, classificado como uma guia-interpretação, mostrou que mais da metade, sendo 62,1%, já atuou dessa maneira, enquanto 37,9% nunca atuou. Na seção de frequência, ao questionar a guia-interpretação, a partir de uma língua de sinais, nota-se que a maioria *nunca* (10 pessoas) atuou, enquanto 07 pessoas *raramente*, 07 pessoas *muitas vezes*, 03 pessoas *sempre* e 02 pessoas *algumas vezes*. Ao considerar a guia-interpretação a partir do Sistema de Sinais Internacionais, os números mudam, já que 19 pessoas responderam *nunca*, 04 pessoas *algumas vezes*, 02 pessoas *raramente*, 02 pessoas *muitas vezes*, 02 pessoas *sempre*. Quando considerada a guia-interpretação a partir de uma língua vocal os números são muito parecidos já que a maioria sendo 20 pessoas, respondeu *nunca*, 03 pessoas *algumas vezes*, 03 pessoas *sempre*, 02 pessoas *raramente*, 01 pessoa *muitas vezes*. Estes dados mostram que a maioria das pessoas que responderam ao questionário, e que já atuaram nesse tipo de encargo, o fizeram partindo da Libras.

Os dados revelam, em primeiro lugar, que existem tradutores trabalhando com muitos gêneros textuais distintos e intérpretes surdos atuando em diversos contextos e esferas. Nota-se que cada um dos exemplos de atuação conta com experiências dessa autoria surda, sendo que os encargos que envolvem o Sistema de Sinais Internacionais possuem uma frequência menor de atuação, enquanto que a tradução intermodal não escrita mostrou ser a área de maior atuação dos profissionais surdos, seguida da interpretação intralingual da língua gestual nacional para variações regionais, sistemas caseiros de sinais, formas mais simplificadas, sistemas gestuais mais transparentes e vice-versa, que ao ser analisada a nível de frequência, revelou que essa atuação tem quase a mesma frequência de atuação, quando se trata da mesma categoria, porém na modalidade de tradução.

A terceira maior área de atuação foi a interpretação à prima vista de textos escritos em língua vocal para a língua gestual oral, sendo que a nível de frequência, na maioria das vezes, essa interpretação acontece de um texto escrito em uma língua vocal para uma língua de sinais. A

legendagem de um vídeo que estava em uma língua gestual e a guia-interpretação a partir de uma língua gestual, tiveram a mesma porcentagem de atuação (62,1%). A interpretação de língua vocal para a língua gestual apresentou uma porcentagem de atuação de 58,6% e com relação à frequência revelou que a maior incidência dessa atuação se dá da língua vocal para a língua de sinais. Os encargos que apresentaram menor incidência atuação foram: tradução de um texto em língua vocal escrita para a escrita de uma língua gestual e vice-versa (72,4%); interpretação de uma língua gestual estrangeira para a língua gestual nacional e vice-versa (62,1%); e interpretação de/para o Sistema de Sinais Internacionais (58,6%).

7 CONSIDERAÇÕES

A partir dos dados coletados nessa pesquisa, é possível observar a crescente atuação de tradutores/ intérpretes surdos de/ entre/ para línguas de sinais no mercado brasileiro tanto em atividades de tradução como de interpretação intermodal (i.e., entre um língua vocal e outra de sinais) e intramodal gestual-visual (i.e., entre duas línguas de sinais). A partir desse levantamento inicial, que conforme já mencionamos, não possui a intenção de registrar todos os trabalhos de tradução/interpretação de autoria surda existentes no Brasil, mas sim de fazer esse levantamento inicial, que futuramente pode abrir espaço para novos levantamentos que possam elencar mais trabalhos de autoria surda, e dessa forma promover cursos de formação voltados aos tradutores/intérpretes surdos no Brasil, visto que conforme Ferreira (2019), atualmente essa formação se dá por meio da prática, já que no Brasil “ao contrário do que acontece nos Estados Unidos e na Europa, não existem cursos específicos para que surdos possam se capacitar para atuar profissionalmente como tradutores/ intérpretes/ guias-intérpretes” (FERREIRA, 2019, p. 17).

Conforme já mencionamos, os dados revelam maior incidência de tradutores/intérpretes surdos em certas atividades, o que conforme Stone (2020) é indispensável para a qualidade dessas traduções/interpretações por diversos fatores já mencionados. É importante que algumas traduções/interpretações sejam desempenhadas por surdos, já que eles tem uma percepção visual, assim como vivência e contato com a língua e com a comunidade surda diferente da que o interprete ouvinte possui, e levando em conta que o público-alvo, na maioria dos casos, são as comunidades surdas, seria interessante ter um tradutor/ intérprete surdo executando a tarefa, ou em alguns casos, como parte da equipe (STONE, 2020).

Essa pesquisa demonstrou grande incidência de tradutores/intérpretes surdos atuando em contexto de tradução intermodal não escrita, em diversos contextos como por exemplo, contexto acadêmico, artístico, literário entre outros. A segunda maior área de atuação foi a interpretação intralingual da língua gestual nacional para variações regionais, sistemas caseiros de sinais, formas mais simplificadas, sistemas gestuais mais transparentes e vice-versa, que não possui registro devido ao contexto intrassocial em que acontece, mas quando questionamos através do questionário, se mostrou uma das categorias com maior número de frequência de atuação.

Não foi possível nessa pesquisa, identificar o nível de formação desses tradutores/interpretes, já que esse não era o objetivo inicial, mas podemos dizer que em sua maioria, a formação aconteceu na prática, pois conforme mencionamos, atualmente não se tem um curso de formação específico para surdos no Brasil.

Sendo assim, com essa pesquisa identificamos a crescente atuação de tradutores/ intérpretes surdos, o que abre espaço para novas pesquisas e levantamentos desse tipo de atuação, além de trazer à tona a questão de cursos de formação voltados para o público surdo e uma inserção, cada vez maior, no mercado de trabalho.

REFERÊNCIAS

- ALBRES, Neiva de Aquino (org.). **Libras e sua tradução em pesquisa: interfaces, reflexões e metodologias**. Florianópolis: Biblioteca Universitária Ufsc, 2017. 244 p. Disponível em: https://libras.ufsc.br/wp-content/uploads/2017/03/ALBRES-2017-Ebook_Libras-e-sua-tradu%C3%A7%C3%A3o-em-pesquisa.pdf. Acesso em: 21 nov. 2020.
- ALVES, F. A triangulação como opção metodológica em pesquisas empírico-experimentais em tradução. In: PAGANO, A. (Org.) **Metodologias de Pesquisa em Tradução**. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2001, p. 69-92.
- BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União, República Federativa do Brasil, Atos do Poder Executivo, Brasília, DF, 23 dez. 2005. nº 246, ano CXLII, Seção 1, p. 28-30.
- BRASIL. **Lei nº 12.319, de 01 de setembro de 2010**. Dispõe sobre a regulamentação da profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – Libras. Diário Oficial da União, República Federativa do Brasil, Atos do Poder Legislativo, Brasília, DF, 2 set. 2010. Nº 169, ano CXXXIX, Seção 1, p. 43.
- BRASIL. **Lei 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União, República Federativa do Brasil, Atos do Poder Legislativo, Brasília, DF, 24 abril 2002.
- CAVALLO, Patrizia; REUILLARD, Patrícia Chittoni Ramos. Estudos sobre Interpretação: tendências atuais da pesquisa brasileira. **Letras & Letras**, [S.L.], v. 32, n. 1, p. 353-368, 21 ago. 2016. EDUFU - Editora da Universidade Federal de Uberlândia. <http://dx.doi.org/10.14393/1163-v32n1a2016-18>.
- FERREIRA, J. G. D. Os intérpretes Surdos e o processo interpretativo interlíngue intramodal gestual-visual da ASL para Libras. 135 f. 2019. Dissertação de Mestrado (Pós-Graduação em Estudos da Tradução) – Florianópolis, UFSC Disponível em < <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/214607>> Acesso em 23/11/2020
- NOGUEIRA, Tiago Coimbra. **Intérpretes de libras-português no contexto de conferência: uma descrição do trabalho em equipe e as formas de apoio na cabine**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2016, p. 213. Disponível em < <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/167619/341090.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em 20/10/2020

PAGURA, Reynaldo. A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores. **Delta: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, [S.L.], v. 19, n., p. 209-236, 2003. Especial. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-44502003000300013>. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/delta/v19nspe/13.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2020.

PAGURA, RJ. **Tradução & interpretação**. In: AMORIM, LM., RODRIGUES, CC., and STUPIELLO, ÉNA., orgs. *Tradução &: perspectivas teóricas e práticas* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 183-207. ISBN 978-85-68334-61-4. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

PÖCHHACKER, F. **Introducing interpreting studies**. London: Routledge, 2004. Disponível em < <https://books.google.com.br/books?id=7UYhyvn1VYgC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false> > Acesso em 21/11/2020

PÖCHHACKER, Franz; QUEIROZ, Mylene. Conexões Fundamentais: afinidade e convergência nos estudos da interpretação. **Scientia Traductionis**, [S.L.], n. 7, p. 62-65, 22 jun. 2010. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/1980-4237.2010n7p61>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/1980-4237.2010n7p61>. Acesso em: 21 nov. 2020.

QUADROS, Ronice Müller de (org.). **Letras LIBRAS :: ontem, hoje e amanhã**. Florianópolis: Editora da Ufsc, 2014. 530 p. Disponível em: <https://libras.ufsc.br/letras-libras-ontem-hoje-e-amanha/>. Acesso em: 21 nov. 2020.

QUADROS, Ronice Müller de. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa** / Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos - Brasília : MEC ; SEESP, 2004. 94 p. : il Disponível em < <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/tradutorlibras.pdf> > acesso em 22/05/2020

QUADROS, Ronice Muller de; SOUSA, Aline Nunes de; VARGAS, Roberto Dutra. **Tradução do vestibular UFSC/2012 para a LIBRAS**. In: Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa, 2012, Florianópolis. Anais, Florianópolis, 2012, 8 p. Disponível em: http://www.congressotils.com.br/anais/anais/tils2012_metodologias_traducao_quadrossousa.pdf. Acesso em: 20 out. 2020

RIGO, Natalia Schleder (org.). **Textos e contextos artísticos e literários: tradução e interpretação em libras**: volume iii. Petrópolis: Arara Azul, 2020. 288 p. Disponível em: <https://editora-arara-azul.com.br/site/ebook/detalhes/21>. Acesso em: 27 set. 2020.

RODRIGUES, Carlos Henrique et al (org.). **Christopher Stone**: entrevista = interview. Curitiba, Pr: Medusa, 2020. 152 p. Tradução inglês-português de Vitória Tassara e Hanna Beer ; tradução português-libras João Gabriel Ferreira e Victória Pedroni.

RODRIGUES, Carlos Henrique. Interpretação simultânea intermodal: sobreposição, performance corporal-visual e direcionalidade inversa. **Revista da Anpoll**, [S.L.], v. 1, n. 44, p. 111-129, 29 abr. 2018. ANPOLL. <http://dx.doi.org/10.18309/anp.v1i44.1146>.

RODRIGUES, Carlos Henrique; BEER, Hanna. Os estudos da tradução e da interpretação de línguas de sinais: novo campo disciplinar emergente? **Cadernos de Tradução**, [S.L.], v. 35, n. 2, p. 17-45, 5 out. 2015. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7968.2015v35nesp2p17>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35nesp2p17/30707>. Acesso em: 18 nov. 2020.

RODRIGUES, Carlos Henrique; SANTOS, Silvana Aguiar dos. A INTERPRETAÇÃO E A TRADUÇÃO DE/PARA LÍNGUAS DE SINAIS: contextos de serviços públicos e suas demandas. **Tradução em Revista**, [S.L.], v. 2018, n. 24, p. 1-29, 25 jul. 2018. Faculdades Católicas. <http://dx.doi.org/10.17771/pucrio.tradrev.34535>.

SANTOS, Silvana Aguiar dos. Estudos da tradução e interpretação de línguas de sinais nos programas de pós-graduação em estudos da tradução. **Revista da Anpoll**, [S.L.], v. 1, n. 44, p. 375-394, 29 abr. 2018. ANPOLL. <http://dx.doi.org/10.18309/anp.v1i44.1148>.